

VOLUME 05

ISSN: 2764-7528

TEOLOGIA *em revista*

Revista de Teologia SALT - Faculdade Adventista do Paraná
Volume 05 | Número 01 | 1º Semestre 2025



FAP

**Diretor Geral:**

Dr. Fabiano Leichsenring Silva (FAP, Brasil)

Diretor Financeiro:

Me. Juliano de Almeida (FAP, Brasil)

Diretor Acadêmico FAP:

Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)

Diretor SALT-FAP:

Me. João Luiz Marcon (FAP, Brasil)

Coordenador SALT-FAP:

Me. Flávio da Silva de Souza (FAP, Brasil)

Editores:

Dr. Felipe Masotti (FAP, Brasil)

Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)

Editores Associados:

Ms. Thiago Cesar Frediani Sant'Ana (FAP, Brasil)

Ms. Poliana Fragatti Cristovam (FAP, Brasil)

Conselho Editorial:

Esp. Adilson Pavan (FAP, Brasil)

Dr. Márcio Donizeti da Costa (FAP, Brasil)

Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)

Dr. Agenilton Marques Corrêa (FADBA, Brasil)

Dr. Silvano Barbosa dos Santos (UNASP, Brasil)

Dr. Marco Yañez Matamala (UNACH, Chile)

Ms. Karl Gunther Boskamp Ulloa (UAP, Argentina)

Dr. Roberto Pereyra (UAP, Argentina)

Dr. Daniel Plenc (UAP, Argentina)

Revisor:

Matheus Bernardo de Almeida Cardoso (FAP, Brasil)

Editória Eletrônica/Diagramação:

Bless Comunicação

Imagens:

Shutterstock

TEOLOGIA
em revista

Instituição Promotora:

Faculdade Adventista do Paraná

Gleba Paçandu, Lote 80 – Zona Rural, Ivatuba/PR – 87130-000.

Endereço Eletrônico:

teologiaemrevista@educadventista.org.br

Direitos Legais:

Teologia em Revista utiliza o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), software livre desenvolvido para a construção e gestão de publicações eletrônicas, traduzido e customizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Para esta revista, ele é alimentado pela FAP, em parceria com a Lepidus.



Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento. Sendo assim, está sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 (que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista), tendo cada artigo a representação dessa autorização através do seguinte selo:



T314 Teologia em Revista – Faculdade Adventista do Paraná, v. 5, n. 1
(Primeiro semestre de 2025). Ivatuba: FAP Editora, 2025.

Semestral

eISSN: 2764-7528

1. Teologia. 2. Ciências da Religião. I. Título.

CDD 200
CDU 20

Ficha catalográfica elaborada por Poliana Fragatti Cristovam CRB 9/1727

SUMÁRIO

artigos

06 Editorial

08 CAPELLANÍA Y LA DIVERSIDAD
CULTURAL: UN PUENTE ESPIRITUAL
EN UN MUNDO PLURAL

*CHAPLAINCY AND CULTURAL DIVERSITY: A SPIRITUAL
BRIDGE IN A PLURAL WORLD*

Ananias Carranza Guevara | Rubén Montero Guerrero

23 DA CRIAÇÃO À QUEDA: UMA
RELEITURA PSICOSSOCIAL DA
IDENTIDADE HUMANA

*FROM CREATION TO FALL: A PSYCHOSOCIAL REVIEW OF
HUMAN IDENTITY*

Patrick Vieira Ferreira | Rogério Lopes de Oliveira |
Rosângela O. da Costa

43 CRECIMIENTO INTEGRAL: MÁS ALLÁ DE
LOS NÚMEROS

INTEGRAL GROWTH: BUT BEYOND THE NUMBERS

Kebby Rodriguez

SUMÁRIO

artigos

58

O PERÍODO DE ESTADA DOS FILHOS
DE ISRAEL NO EGITO: UM ESTUDO
EXEGÉTICO DE ÊXODO 12:40

*THE PERIOD OF ISRAEL'S EXILE IN EGYPT: AN EXEGETICAL
STUDY OF EXODUS 12:40*

Chandler Tiago dos S. Sant' Ana

EDITORIAL

FELIPE A. MASOTTI¹

ELMER A. GUZMAN²

O primeiro número de *Teologia em Revista* de 2025 é multitemático. O periódico apresenta quatro artigos que abordam temas relacionados às teologias prática, bíblica e pastoral. Essas contribuições reafirmam o compromisso da revista em produzir e disponibilizar materiais que incentivem o engajamento de seus leitores com diferentes aspectos da produção teológica acadêmica contemporânea. Ademais, o presente número é composto em duas línguas, português e espanhol, reforçando o posicionamento da *Teologia em Revista* no diálogo acadêmico internacional.

O artigo “Capellanía y la Diversidad Cultural: Un Puente Espiritual en un Mundo Plural”, de Ananias Carranza Guevara e Rubén Montero Guerrero, explora o papel da capelania como serviço espiritual essencial em contextos multiculturais. A pesquisa destaca que, em ambientes como hospitais, prisões e universidades, os capelães atuam como mediadores interculturais, enfrentando desafios como preconceitos culturais, falta de formação em diversidade e resistência ao diálogo. Ao mesmo tempo, a diversidade cultural oferece oportunidades para construir pontes entre comunidades, promover o entendimento interreligioso e enriquecer a prática espiritual. O artigo propõe estratégias para uma capelania culturalmente competente, baseada em escuta ativa, empatia, colaboração com líderes comunitários e formação intercultural. Conclui que a capelania, ao abraçar a diversidade, pode ser um agente transformador na construção de sociedades mais inclusivas, justas e espiritualmente acolhedoras.

O artigo “Da Criação à Queda: Uma Releitura Psicossocial da Identidade Humana”, de Patrick Vieira Ferreira e colaboradores, propõe uma análise da narrativa bíblica de Adão e Eva à luz da teoria dos Oito Estágios do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson, utilizando a Psicologia Narrativa de Theodore Sarbin como metodologia. A pesquisa estabelece paralelos

¹ Doutor em Exegese do Antigo Testamento (Ph.D., Andrews University). Editor de *Teologia em Revista* e Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: femasotti@yahoo.com.br

² Doutor em Teologia (Ph.D., Andrews University). Editor-associado de *Teologia em Revista* e Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR e Diretor Acadêmico da Faculdade Adventista do Paraná. E-mail: elmer.guzman@iap.org.br

entre os eventos de Gênesis e os conflitos psicossociais enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, como confiança, autonomia, culpa, identidade e integridade. Cada estágio de Erikson é interpretado como refletido na trajetória de Adão e Eva, desde a harmonia inicial no Éden até os desafios após a queda. A abordagem interdisciplinar entre teologia e psicologia revela que a perda do Éden simboliza crises universais do desenvolvimento humano, oferecendo uma leitura enriquecedora da narrativa bíblica como metáfora da jornada existencial de todos os indivíduos.

O artigo “Crecimiento Integral: Más Allá de los Números”, de Kebby Rodriguez, propõe uma reflexão teológica sobre o crescimento da igreja que transcende a simples expansão numérica. Com base em textos bíblicos como Mateus 28:19 e Atos 2, o autor defende que o verdadeiro crescimento é obra do Espírito Santo e deve incluir tanto o aumento de membros quanto a formação de discípulos maduros. A pesquisa analisa o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul entre 2011 e 2021, destacando que, apesar do aumento de mais de 500 mil membros, a taxa média de crescimento foi modesta (2,03%), especialmente em comparação com o crescimento populacional da região. O estudo também revisa a teologia da busca, que valoriza a evangelização independentemente dos resultados numéricos, e propõe um modelo de crescimento integral que equilibre evangelismo, discipulado e maturidade espiritual. A conclusão enfatiza que a igreja do século XXI deve depender do Espírito Santo e buscar um crescimento que reflita tanto quantidade quanto qualidade, cumprindo sua missão de ser luz e sal no mundo.

O artigo “O Período de Estada dos Filhos de Israel no Egito: Um Estudo Exegético de Êxodo 12:40”, de Chandler Tiago dos S. Sant’Ana, investiga a duração da permanência dos israelitas no Egito com base em uma análise exegética de Êxodo 12:40. O estudo compara diferentes testemunhos textuais, como o Texto Massorético, os manuscritos de Qumrã, a Septuaginta e o Pentateuco Samaritano, e conclui que a leitura mais original é a do Texto Massorético, que afirma que os israelitas estiveram 430 anos no Egito. No entanto, ao considerar a cronologia bíblica e os dados arqueológicos, o autor propõe que esse período inclui também o tempo em Canaã, totalizando 215 anos em cada região. A pesquisa contextualiza historicamente a presença dos hebreus no Egito, relacionando-a ao domínio dos hicsos e à figura de Tutmés III como possível faraó do êxodo. Apesar da escassez de evidências materiais diretas, o estudo argumenta que os dados disponíveis corroboram, em linhas gerais, o relato bíblico da escravidão israelita.

Boa leitura!

CAPELLANÍA Y LA DIVERSIDAD CULTURAL: UN PUENTE ESPIRITUAL EN UN MUNDO PLURAL

ANANIAS CARRANZA GUEVARA¹
RUBÉN MONTERO GUERRERO²

Resumen: En un mundo globalizado y multicultural, la capellanía se ha convertido en un servicio espiritual esencial que trasciende fronteras religiosas y culturales, ofreciendo acompañamiento emocional y espiritual a personas en contextos diversos como hospitales, prisiones y universidades. Este artículo tiene como objetivo explorar el papel de los capellanes como mediadores interculturales, identificando los desafíos como los sesgos culturales, la falta de formación en diversidad y la resistencia al cambio y las oportunidades como la construcción de puentes entre comunidades y el fomento del diálogo interreligioso que presenta la diversidad cultural. Mediante una revisión bibliográfica de estudios sobre interculturalidad y espiritualidad, se analizan herramientas y enfoques para una capellanía culturalmente competente y el entendimiento mutuo en entornos multiculturales. La metodología incluye un enfoque cualitativo basado en la revisión de literatura especializada, con el fin de proponer estrategias que fortalezcan el rol de la capellanía en sociedades plurales.

Palabras claves: Capellanía, diversidad cultural, diálogo interreligioso, acompañamiento espiritual.

CHAPLAINCY AND CULTURAL DIVERSITY: A SPIRITUAL BRIDGE IN A PLURAL WORLD

Abstract: In a globalized and multicultural world, chaplaincy has become an essential spiritual service that transcends religious and cultural boundaries, providing emotional and spiritual

¹ Candidato ao Doutorado em Teologia, UPeU.

² Professor do SALT-UPeU (PhD, UPeU).

support to individuals in diverse contexts such as hospitals, prisons, and universities. This article aims to explore the role of chaplains as intercultural mediators, identifying challenges such as cultural biases, lack of training in diversity, and resistance to change, as well as opportunities such as building bridges between communities and fostering interreligious dialogue that cultural diversity presents. Through a bibliographic review of studies on interculturality and spirituality, tools and approaches for culturally competent chaplaincy and mutual understanding in multicultural settings are analyzed. The methodology includes a qualitative approach based on a review of specialized literature, with the aim of proposing strategies to strengthen the role of chaplaincy in pluralistic societies.

Keywords: Chaplaincy, cultural diversity, interreligious dialogue, spiritual accompaniment.

1. Introducción

En la sociedad contemporánea marcada por la globalización y la creciente interconexión entre culturas, la capellanía ha adquirido un papel fundamental como espacio de acompañamiento espiritual y emocional (GONZÁLEZ, 2020, p. 45). Ya sea en hospitales, cárceles, universidades o Fuerzas Armadas, los capellanes se han convertido en figura clave para brindar consuelo, orientación y apoyo a personas en momentos de vulnerabilidad. Sin embargo, en un mundo cada vez más diverso, su labor no se limita a una sola tradición religiosa o cultural, sino que debe adaptarse a las necesidades de individuos con creencias, valores y prácticas diversas (MARTÍNEZ, 2018, p. 85).

La diversidad cultural es una realidad ineludible en el siglo XXI, y su impacto se extiende también al ámbito espiritual religioso (RODRÍGUEZ, 2022, p. 210). Las sociedades actuales están conformadas por personas de diferentes orígenes étnicos, lenguas, tradiciones y sistemas de creencias, lo que exige un enfoque más amplio y respetuoso de la espiritualidad (SMITH, 2019, p. 152). En este sentido la capellanía tiene la responsabilidad de trascender las barreras culturales y religiosas, convirtiéndose en un puente que fomente el diálogo, el entendimiento mutuo y la cohesión social (FERNÁNDEZ, 2021, p. 112).

Por lo tanto, el objetivo de este artículo es explorar cómo la capellanía puede convertirse en un agente en contextos multiculturales. Para ello se analizará el papel de los capellanes como mediadores, se identificarán los desafíos y oportunidades que presenta la diversidad cultural, y se propondrán herramientas que facilite el trabajo de la capellanía. La metodología incluirá una revisión bibliográfica de estudios sobre interculturalidad y espiritualidad, desafíos y oportunidades a la que se enfrenta.

2. La Capellanía como Servicio Espiritual Universal

La capellanía es un servicio espiritual que trasciende fronteras religiosas, culturales y sociales, ofreciendo apoyo y guía a personas en diversos contextos. Su objetivo principal es brindar acompañamiento espiritual a quienes lo necesitan, ya sea en momentos de crisis, celebración o búsqueda de sentido. Este servicio no se limita a una sola religión o creencia, sino que se adapta a las necesidades individuales, promoviendo el respeto por la diversidad espiritual (FLANNELLY, WEAVER Y COSTA, 2005, p. 251). La capellanía, por tanto, se erige como un puente entre lo humano y lo trascendente, facilitando un espacio de reflexión y conexión con lo sagrado o significativo para cada persona.

En un mundo cada vez más globalizado y diverso, la capellanía se ha convertido en un servicio universal que busca atender las necesidades espirituales de personas de todas las creencias y tradiciones. Esto implica un enfoque inclusivo, donde el capellán actúa como facilitador de diálogo y comprensión entre diferentes visiones del mundo (FITCHETT y NOLAN, 2015, p. 45). Su labor no se limita a lo religioso, sino que abarca lo espiritual en un sentido amplio, reconociendo que cada persona tiene su propia manera de experimentar y expresar su espiritualidad.

Además, la capellanía universal se caracteriza por su enfoque humanista, centrado en la dignidad y el bienestar integral de las personas. Esto incluye la atención a aspectos emocionales, sociales y existenciales, que son fundamentales para el desarrollo pleno del ser humano (PUCHALSKI y FERREL, 2010, p. 112). En este sentido, la capellanía no solo ofrece consuelo en momentos de dificultad, sino que también promueve el crecimiento personal y la búsqueda de significado en la vida cotidiana.

De manera que, la capellanía como servicio espiritual universal es un reflejo de la necesidad humana de conexión y trascendencia. En un mundo marcado por la incertidumbre y el cambio, este servicio ofrece un espacio de estabilidad y esperanza, donde las personas pueden encontrar apoyo y orientación en su camino espiritual.

2.1. Definición y Funciones de la Capellanía en diferentes contextos

La capellanía se define como el ministerio o servicio espiritual que se ofrece en instituciones como hospitales, prisiones, universidades, fuerzas armadas y empresas, entre otros. En cada contexto, sus funciones varían según las necesidades específicas de la comunidad a la que sirve (ORTON, 2008, p.7). Por ejemplo, en hospitales, los capellanes acompañan a pacientes y familiares en momentos de enfermedad o duelo; en prisiones, ofrecen apoyo emocional y espiritual a los reclusos; y en el ámbito militar, brindan consuelo y fortaleza a los soldados y sus familias (ORTON, 2008, p.8).

En el contexto hospitalario, la capellanía juega un papel crucial en la atención integral del paciente. Los capellanes trabajan en equipo con médicos, enfermeras y otros profesionales de la salud para brindar un cuidado holístico que incluya la dimensión espiritual (SWIFT, 2014, p.72). Esto puede incluir la realización de rituales religiosos, la escucha activa o la facilitación de conversaciones sobre temas existenciales, como el significado de la vida y la muerte.

En las prisiones, la capellanía se enfoca en la rehabilitación y la reinserción social de los reclusos. Los capellanes ofrecen un espacio de reflexión y arrepentimiento, ayudando a los internos a encontrar un sentido de propósito y esperanza. Además, su labor incluye la mediación en conflictos y la promoción de valores como el perdón y la reconciliación, tanto a nivel personal como comunitario (ROBERTS, 2016, p. 98).

En el ámbito educativo, la capellanía en universidades y colegios busca acompañar a los estudiantes en su desarrollo personal y espiritual. Esto puede incluir la organización de retiros, talleres y actividades que fomenten la reflexión y el diálogo sobre temas éticos, morales y espirituales (VANDECREEK y LUCAS, 2001, p. 89). En este contexto, los capellanes actúan como mentores y guías, ayudando a los jóvenes a navegar los desafíos de la vida adulta.

2.2. La Capellanía un Espacio de Acompañamiento Emocional y Espiritual

El acompañamiento emocional y espiritual es uno de los pilares fundamentales de la capellanía. Los capellanes están entrenados para ofrecer un espacio seguro donde las personas puedan expresar sus miedos, dudas y esperanzas sin juicio. Este acompañamiento no se limita a lo religioso, sino que abarca lo humano en su totalidad, reconociendo la importancia de la dimensión espiritual en el bienestar integral (CADGE, 2012, p. 156).

A través de la escucha activa y la empatía, los capellanes ayudan a las personas a procesar emociones complejas, como el dolor, la ira o la desesperanza. Este proceso no solo alivia el sufrimiento, sino que también facilita la búsqueda de significado y propósito en medio de la adversidad (MOWAT, 2008, p. 63). En este sentido, la capellanía se convierte en un refugio donde las personas pueden encontrar consuelo y fortaleza.

Además, el acompañamiento espiritual incluye la facilitación de rituales y prácticas que son significativas para las personas. Esto puede variar desde oraciones y meditaciones hasta ceremonias personalizadas que honren las creencias y valores individuales (HANDZO y KOENIG, 2004, p. 1243). Estos rituales no solo tienen un valor simbólico, sino que también ayudan a las personas a conectar con algo más grande que ellas mismas, ya sea Dios, la naturaleza o la comunidad.

Por lo tanto, la capellanía como espacio de acompañamiento emocional y espiritual es especialmente relevante en sociedades contemporáneas, donde el aislamiento y la falta de conexión son desafíos crecientes. En un mundo cada vez más individualista, este servicio ofrece un recordatorio de nuestra humanidad compartida y nuestra necesidad de comunidad y apoyo mutuo (CADGE, 2012, p. 154).

3. La Diversidad Cultural en el Mundo Globalizado

La diversidad cultural es una característica inherente al mundo globalizado, donde las migraciones, los avances tecnológicos y la interconexión han facilitado el encuentro entre personas de diferentes orígenes, tradiciones y creencias. Este fenómeno ha enriquecido las sociedades, permitiendo el intercambio de ideas, costumbres y valores que contribuyen al desarrollo cultural y social. Sin embargo, la diversidad cultural también plantea desafíos, ya que requiere que las sociedades encuentren formas de convivir y respetar las diferencias. En este contexto, la globalización ha actuado como un catalizador, acelerando el contacto entre culturas y generando un mosaico de identidades que coexisten en un mismo espacio (APPADURAI, 1996, p. 45).

La diversidad cultural se manifiesta en múltiples aspectos, como el lenguaje, la religión, las tradiciones y las expresiones artísticas. En un mundo globalizado, estas expresiones no permanecen estáticas, sino que se transforman y adaptan a través del contacto con otras culturas. Por ejemplo, la música, la gastronomía y el cine son áreas donde la diversidad cultural se expresa de manera dinámica, creando nuevas formas de expresión que reflejan la mezcla de influencias. Este proceso de intercambio cultural no solo enriquece a las sociedades, sino que también fomenta el entendimiento mutuo y la apreciación de las diferencias (CASTELLS, 2010, p. 112).

Sin embargo, la diversidad cultural también puede generar tensiones, especialmente cuando las diferencias no son comprendidas o respetadas. En algunos casos, la globalización ha llevado a la homogenización cultural, donde las culturas dominantes imponen sus valores y

prácticas sobre las minorías. Esto puede resultar en la pérdida de identidades culturales y la marginación de grupos minoritarios. Por ello, es fundamental que las sociedades globalizadas promuevan políticas y prácticas que protejan y valoren la diversidad cultural, garantizando que todas las voces sean escuchadas y respetadas (FEATHERSTONE, 1995, p. 78).

La educación juega un papel crucial en este proceso, ya que permite a las personas desarrollar una comprensión profunda de otras culturas y fomentar actitudes de respeto y tolerancia. Además, las instituciones y los líderes comunitarios deben trabajar para crear espacios inclusivos donde la diversidad cultural sea celebrada y no temida. Esto incluye la promoción de eventos culturales, el apoyo a las lenguas minoritarias y la creación de políticas que protejan los derechos culturales de todos los ciudadanos (CASTELLS, 2010, p. 112).

De manera que, la diversidad cultural en el mundo globalizado es una fuente de riqueza y desafío. Al abrazar y valorar las diferencias, las sociedades pueden construir un futuro más inclusivo y armonioso, donde la diversidad sea vista como una fortaleza y no como una amenaza.

3.1. La Globalización y su impacto en la Diversidad Cultural

La globalización ha tenido un impacto profundo en la diversidad cultural, facilitando el intercambio de ideas, bienes y personas a través de las fronteras. Este proceso ha permitido que las culturas se influyan mutuamente, creando nuevas formas de expresión y enriqueciendo el patrimonio cultural global. Sin embargo, la globalización también ha generado tensiones, ya que en algunos casos ha llevado a la homogenización cultural, donde las culturas dominantes imponen sus valores y prácticas sobre las minorías. Este fenómeno ha provocado preocupaciones sobre la pérdida de identidades culturales y la marginación de grupos minoritarios (HALL, 1997, p. 63). Este intercambio ha enriquecido las experiencias culturales individuales y colectivas, fomentando una mayor comprensión y aprecio por la diversidad.

Uno de los efectos más visibles de la globalización en la diversidad cultural es la difusión de productos culturales, como la música, el cine y la moda, a nivel mundial. Por ejemplo, el éxito global de películas de Hollywood o la popularidad de la música k-pop son ejemplos de cómo la globalización permite que las expresiones culturales trasciendan las fronteras. Sin embargo, este fenómeno también puede llevar a la dominación cultural, donde las expresiones de ciertas culturas se imponen sobre otras, reduciendo la visibilidad y el valor de las culturas locales (HUNTINGTON, 1996, p. 89).

Por otro lado, la globalización también ha facilitado el surgimiento de movimientos que buscan preservar y revitalizar las culturas locales. En muchas partes del mundo, las comunidades están utilizando las herramientas de la globalización, como las redes sociales y las plataformas digitales, para promover y proteger sus tradiciones culturales. Por ejemplo, los pueblos indígenas han utilizado estas herramientas para compartir sus historias, lenguas y prácticas culturales con un público global, generando conciencia y apoyo para sus causas (NEDERVEEN, 2004, p. 102).

Además, la globalización ha creado oportunidades para el diálogo intercultural, permitiendo que personas de diferentes culturas interactúen y aprendan unas de otras. Este intercambio puede fomentar el entendimiento mutuo y la cooperación, contribuyendo a la construcción de sociedades más inclusivas y respetuosas (HUNTINGTON, 1996, p. 88). Sin embargo, para que este diálogo sea efectivo, es necesario que se base en el respeto y la igualdad, evitando la imposición de una cultura sobre otra. Por lo tanto, a pesar de estos desafíos, la globalización también ofrece herramientas para preservar y promover la diversidad cultural. Las tecnologías digitales, por ejemplo, permiten a las comunidades compartir y documentar sus

tradiciones, llegando a audiencias globales. Además, organizaciones internacionales como la UNESCO trabajan para proteger el patrimonio cultural inmaterial y fomentar el diálogo intercultural (UNESCO, 2009, p. 95).

De esta manera, la globalización tiene un impacto dual en la diversidad cultural: por un lado, puede enriquecer las sociedades a través del intercambio cultural, y por otro, puede amenazar las identidades culturales locales. Para maximizar los beneficios y minimizar los riesgos, es esencial que las sociedades promuevan políticas y prácticas que protejan y valoren la diversidad cultural en un mundo globalizado (HALL, 1997, p. 63).

3.2. Desafíos de la Convivencia en Sociedades Plurales

La convivencia en sociedades plurales, donde coexisten personas de diferentes orígenes, religiones y culturas, plantea desafíos significativos. Uno de los principales retos es la gestión de las diferencias culturales, que pueden generar tensiones y conflictos si no son abordadas de manera adecuada. Para fomentar una convivencia armoniosa, es esencial que las sociedades promuevan valores como el respeto, la tolerancia y la inclusión, y que desarrollen políticas que garanticen la igualdad de oportunidades para todos los ciudadanos, independientemente de su origen cultural (ROBERTSON, 1992, p. 56). Esto requiere un enfoque equilibrado que respete las identidades individuales y colectivas, al mismo tiempo que fomente valores comunes como la tolerancia y el respeto.

Uno de los desafíos más comunes en las sociedades plurales es la discriminación y el prejuicio hacia las minorías culturales. Esto puede manifestarse en formas sutiles, como estereotipos y microagresiones, o en formas más explícitas, como la exclusión social y la violencia. Para abordar este problema, es fundamental que las sociedades promuevan la educación intercultural, que permita a las personas comprender y valorar las diferencias culturales. Además, es necesario que se implementen políticas antidiscriminatorias y que se fomente el diálogo entre diferentes grupos culturales (SEN, 2006, p. 34).

Otro desafío importante es la integración de los migrantes y refugiados en las sociedades de acogida. Muchas veces, estas personas enfrentan barreras lingüísticas, económicas y sociales que dificultan su integración. Para superar estos obstáculos, es esencial que las sociedades ofrezcan programas de apoyo, como clases de idiomas, capacitación laboral y acceso a servicios sociales (SMITH, 2020, P. 109). Además, es importante que se fomente la participación de los migrantes y refugiados en la vida comunitaria, permitiéndoles contribuir con sus habilidades y perspectivas únicas. En ese contexto, la educación juega un papel crucial en la promoción de la convivencia en sociedades plurales. Un sistema educativo que fomente la interculturalidad y el respeto por la diversidad puede ayudar a las nuevas generaciones a valorar las diferencias y a construir sociedades más inclusivas (TOMLINSON, 1999, p. 71). Esto incluye la enseñanza de lenguas minoritarias, la promoción de historias y perspectivas diversas, y el fomento del diálogo entre culturas.

Así que, la convivencia en sociedades plurales también requiere un enfoque en la construcción de identidades compartidas. Esto no significa que las personas deban renunciar a sus identidades culturales, sino que deben encontrar puntos en común que les permitan coexistir de manera armoniosa. Por ejemplo, los valores democráticos, los derechos humanos y el respeto por la diversidad pueden servir como base para la construcción de una identidad compartida en sociedades plurales (ROBERTSON, 1992, p. 56).

Por lo tanto, los desafíos de la convivencia en sociedades plurales son complejos, pero no insuperables. Al promover valores de respeto, inclusión y diálogo, y al implementar políticas

que garanticen la igualdad de oportunidades, las sociedades pueden construir un futuro más armonioso y justo para todos sus miembros.

4. Intersección entre Capellanía y Diversidad Cultural

El desafío que enfrenta la capellanía, como disciplina de acompañamiento espiritual, se encuentra en constante interacción con la diversidad cultural, especialmente en sociedades globalizadas donde conviven personas de diferentes orígenes, tradiciones y creencias. Esta intersección exige que los capellanes desarrollen una sensibilidad cultural que les permita comprender y respetar las cosmovisiones de aquellos a quienes sirven. La diversidad cultural no solo abarca diferencias étnicas o lingüísticas, sino también variaciones en las expresiones religiosas y espirituales (BENNETT, 2018, p. 67). Por ello, la capellanía debe adaptarse para ser inclusiva, reconociendo que las necesidades espirituales están profundamente influenciadas por el contexto cultural de cada individuo. Este enfoque promueve un acompañamiento más efectivo y respetuoso, fortaleciendo la confianza y el diálogo entre el capellán y las personas que buscan apoyo espiritual.

Por ejemplo, en contextos multiculturales, los capellanes enfrentan el desafío de navegar por tradiciones y prácticas que pueden ser muy diferentes a las suyas. Esto requiere no solo un conocimiento teórico de otras culturas, sino también una disposición a aprender y adaptarse. Por ejemplo, en algunas culturas, el silencio es una forma de respeto, mientras que, en otras, la expresión verbal es fundamental para la comunicación. Un capellán culturalmente competente debe ser capaz de identificar estas diferencias y ajustar su enfoque para garantizar que su acompañamiento sea significativo y respetuoso (GARCÍA, 2020, p. 89). Además, la intersección entre capellanía y diversidad cultural también implica reconocer y desafiar los prejuicios y estereotipos que pueden surgir en el proceso de acompañamiento espiritual.

Asimismo, la diversidad cultural también enriquece la práctica de la capellanía, ya que ofrece nuevas perspectivas y enfoques para abordar las necesidades espirituales. Por ejemplo, algunas culturas tienen rituales específicos para momentos de transición, como el nacimiento, la muerte o la enfermedad, que pueden complementar o enriquecer las prácticas tradicionales de la capellanía. Al integrar estas perspectivas, los capellanes pueden ofrecer un acompañamiento más holístico y relevante. Sin embargo, esto requiere un equilibrio delicado entre respetar las tradiciones culturales y mantener la integridad de la propia práctica espiritual del capellán (LEE, 2019, p. 130).

De manera que, la intersección entre capellanía y diversidad cultural también tiene implicaciones para la formación y capacitación de los capellanes. Es esencial que los programas de formación incluyan componentes interculturales e interreligiosos, que preparen a los capellanes para trabajar en entornos diversos (MARTÍNEZ, 2021, p. 88). Esto incluye no solo el estudio de otras religiones y culturas, sino también el desarrollo de habilidades prácticas, como la comunicación intercultural y la resolución de conflictos. Además, los capellanes deben estar dispuestos a reflexionar críticamente sobre sus propias creencias y prejuicios, para garantizar que su práctica sea verdaderamente inclusiva y respetuosa.

Por lo tanto, la intersección entre capellanía y diversidad cultural es un área rica y compleja que requiere un enfoque reflexivo y adaptativo. Al abrazar la diversidad cultural, los capellanes pueden enriquecer su práctica y ofrecer un acompañamiento espiritual más significativo y relevante para las personas de diferentes orígenes y creencias.

4.1. La Capellanía y las Necesidades Espirituales de Personas de Diferentes Culturas y Creencias

En cuanto a las necesidades espirituales varían significativamente según la cultura y las creencias de cada persona. Para algunos, la espiritualidad puede estar ligada a prácticas religiosas específicas, como la oración o la meditación, mientras que para otros puede manifestarse a través de conexiones comunitarias o rituales ancestrales. El capellán debe estar preparado para identificar estas diferencias y ofrecer un acompañamiento que respete y valore dichas expresiones (NG, 2017, p. 70). Esto implica no solo conocer las doctrinas religiosas, sino también entender cómo estas se entrelazan con las tradiciones culturales. Por ejemplo, en algunas culturas, el duelo se expresa de manera colectiva, mientras que en otras es un proceso más individual. Un capellán culturalmente competente debe ser capaz de adaptar su enfoque para satisfacer estas necesidades diversas, fomentando un ambiente de inclusión y respeto mutuo.

Por ejemplo, en el caso de personas que provienen de tradiciones religiosas minoritarias o no cristianas, el capellán debe ser especialmente cuidadoso para no imponer su propia perspectiva espiritual. Esto requiere una actitud de humildad y apertura, así como la disposición a aprender sobre otras tradiciones y prácticas. Por ejemplo, en el islam, la oración es una parte central de la vida espiritual, y un capellán puede apoyar a un paciente musulmán facilitando un espacio para la oración (PATEL, 2022, p. 203). Del mismo modo, en el hinduismo, los rituales de purificación y los cantos pueden ser fundamentales para el bienestar espiritual. Un capellán que comprende estas prácticas puede ofrecer un acompañamiento más efectivo y respetuoso.

Además, las necesidades espirituales también pueden variar según el contexto en el que se encuentre la persona. Por ejemplo, en un hospital, un paciente puede necesitar consuelo y esperanza, mientras que, en una prisión, la necesidad puede ser más de reconciliación y perdón. El capellán debe ser capaz de identificar estas necesidades y adaptar su enfoque en consecuencia. Esto puede implicar el uso de diferentes herramientas, como la música, el arte o la literatura, que pueden resonar de manera particular con personas de diferentes culturas (PATEL, 2022, p. 207).

Otro aspecto importante es el papel de la familia y la comunidad en el bienestar espiritual. En muchas culturas, la espiritualidad no es un asunto individual, sino colectivo. Por ejemplo, en las culturas latinoamericanas, la familia juega un papel central en el apoyo espiritual, y un capellán puede trabajar con la familia para ofrecer un acompañamiento más integral (RODRÍGUEZ, 2019, p. 33). Del mismo modo, en las culturas indígenas, los líderes espirituales comunitarios pueden ser figuras clave en el proceso de sanación. Un capellán culturalmente competente debe ser capaz de colaborar con estas figuras y respetar su autoridad y conocimiento.

Dicho de otro modo, las necesidades espirituales de las personas están profundamente influenciadas por su cultura y creencias, y los capellanes deben estar preparados para abordar estas diferencias de manera respetuosa y efectiva. Al hacerlo, pueden ofrecer un acompañamiento más significativo y relevante, que respete y valore la diversidad espiritual y cultural.

4.2. El Rol del Capellán como Mediador Intercultural y Facilitador del Diálogo Inter-religioso

El rol del capellán desempeña un papel crucial como mediador intercultural y facilitador del diálogo interreligioso, especialmente en entornos donde coexisten múltiples tradiciones espirituales. Su labor no se limita a ofrecer consuelo espiritual, sino también a construir puentes entre diferentes comunidades, promoviendo el entendimiento y la cooperación. Este rol requiere habilidades de escucha activa, empatía y un profundo respeto por las diferencias. El capellán debe ser capaz de identificar puntos en común entre las diversas creencias y utilizarlos como base para fomentar el diálogo. Además, debe estar preparado para manejar conflictos que puedan surgir debido a malentendidos culturales o religiosos, actuando como un agente de reconciliación y paz (SMITH, 2020, p. 110).

En contextos multiculturales, el capellán puede ser un puente entre personas de diferentes orígenes y creencias, facilitando la comunicación y el entendimiento mutuo. Por ejemplo, en un hospital, un capellán puede ayudar a un paciente y su familia a navegar por las diferencias culturales y religiosas que puedan surgir en el proceso de atención médica. Esto puede incluir la mediación entre el personal médico y la familia, para garantizar que las necesidades espirituales y culturales del paciente sean respetadas (TAYLOR, 2018, p. 79). Del mismo modo, en una prisión, un capellán puede trabajar con reclusos de diferentes religiones para fomentar el respeto y la cooperación entre ellos.

Y hablando del diálogo interreligioso es otra área clave en la que el capellán puede desempeñar un papel importante. Este diálogo no se trata de convertir a otros a una religión en particular, sino de fomentar el entendimiento y el respeto mutuo entre diferentes tradiciones espirituales. El capellán puede organizar encuentros interreligiosos, donde personas de diferentes creencias puedan compartir sus experiencias y aprender unos de otros (WONG, 2021, p. 140). Esto no solo enriquece la vida espiritual de los participantes, sino que también contribuye a la construcción de comunidades más inclusivas y armoniosas.

Además, el capellán también puede ser un defensor de la justicia social, trabajando para abordar las desigualdades y discriminaciones que afectan a las comunidades religiosas y culturales minoritarias. Esto puede incluir la promoción de políticas inclusivas en instituciones como hospitales, prisiones y universidades, así como la sensibilización sobre las necesidades espirituales y culturales de estas comunidades (PATEL, 2022, p. 207). Al hacerlo, el capellán no solo cumple su rol espiritual, sino también social, contribuyendo a la construcción de una sociedad más justa y equitativa.

Por lo tanto, el rol del capellán como mediador intercultural y facilitador del diálogo interreligioso es esencial en un mundo cada vez más diverso. Al fomentar el entendimiento y el respeto mutuo, los capellanes pueden contribuir a la construcción de comunidades más inclusivas y armoniosas, donde la diversidad espiritual y cultural sea valorada y celebrada.

4.3. Herramientas y Enfoques para una Capellanía Culturalmente Competente

En cuanto a las herramientas y enfoques para ser culturalmente competente, un capellán debe contar con herramientas y enfoques que le permitan navegar por la complejidad de la diversidad cultural. Esto incluye la formación continua en estudios interculturales e interreligiosos, así como el desarrollo de habilidades prácticas como la comunicación no verbal

y la interpretación de símbolos culturales. Además, es fundamental que el capellán adopte una actitud de humildad y apertura, reconociendo que no tiene todas las respuestas y que está en un proceso constante de aprendizaje (BENNETT, 2018, p. 67). Otras herramientas útiles incluyen la colaboración con líderes comunitarios y religiosos de diferentes tradiciones, así como la participación en talleres y capacitaciones sobre diversidad cultural. Estos recursos permiten al capellán ofrecer un acompañamiento más efectivo y respetuoso, adaptado a las necesidades específicas de cada individuo o comunidad (SMITH, 2020, p. 110).

Una herramienta clave para la capellanía culturalmente competente es la escucha activa. Esto implica no solo escuchar las palabras de la persona, sino también prestar atención a su lenguaje corporal, tono de voz y contexto cultural. La escucha activa permite al capellán comprender mejor las necesidades espirituales de la persona y ofrecer un acompañamiento más relevante y significativo (GARCÍA, 2020, p. 89). Además, la escucha activa también ayuda a construir confianza, lo cual es esencial para un acompañamiento espiritual efectivo.

Otra herramienta importante es el uso de recursos culturales y religiosos específicos. Por ejemplo, un capellán puede utilizar textos sagrados, música o rituales de diferentes tradiciones para enriquecer su acompañamiento. Esto no solo muestra respeto por la cultura y las creencias de la persona, sino que también puede ayudar a crear un ambiente más familiar y reconfortante. Sin embargo, es importante que el capellán utilice estos recursos de manera auténtica y respetuosa, evitando la apropiación cultural o el uso superficial de prácticas espirituales (LEE, 2019, p. 130).

Otro aspecto es la colaboración con líderes comunitarios y religiosos es otra herramienta esencial para la capellanía culturalmente competente. Estos líderes pueden proporcionar información valiosa sobre las tradiciones y prácticas culturales, así como ofrecer orientación sobre cómo abordar las necesidades espirituales de manera respetuosa y efectiva. Además, la colaboración con líderes comunitarios también puede ayudar a construir puentes entre diferentes comunidades, fomentando el diálogo y la cooperación (MARTÍNEZ, 2021, p. 88).

Por lo tanto, la reflexión crítica y la autoevaluación son herramientas fundamentales para la capellanía culturalmente competente. Los capellanes deben estar dispuestos a reflexionar sobre sus propias creencias y prejuicios, y cómo estos pueden influir en su práctica. Esto incluye la participación en supervisiones y grupos de reflexión, donde puedan compartir experiencias y aprender de otros. Al hacerlo, los capellanes pueden garantizar que su práctica sea verdaderamente inclusiva y respetuosa, adaptada a las necesidades de un mundo cada vez más diverso (SMITH, 2020, p. 111).

5. Desafíos y Oportunidades

Los desafíos y oportunidades en contextos multiculturales son dos caras de la misma moneda. Por un lado, los desafíos incluyen la presencia de sesgos culturales, la falta de formación en diversidad y la resistencia al cambio, factores que pueden dificultar la integración y el entendimiento mutuo (GARCÍA, 2020, p. 45). Por otro lado, las oportunidades radican en la posibilidad de construir puentes entre comunidades de diferentes culturas, fomentando la colaboración, el enriquecimiento mutuo y la creación de entornos más inclusivos. Ambos aspectos requieren de un enfoque proactivo y consciente para transformar los obstáculos en oportunidades de crecimiento.

5.1. Desafíos: Sesgos Culturales, Falta de Formación en Diversidad y Resistencia al Cambio

Uno de los principales desafíos en entornos multiculturales es la presencia de sesgos culturales. Estos prejuicios, a menudo inconscientes, pueden llevar a malentendidos, discriminación y exclusión. Los sesgos culturales surgen de estereotipos arraigados y de la falta de exposición a otras culturas, lo que dificulta la creación de un ambiente de respeto y comprensión mutua (MARTÍNEZ, 2019, p. 78).

La falta de formación en diversidad es otro obstáculo significativo. Muchas instituciones y organizaciones no cuentan con programas de capacitación que aborden las complejidades de la interculturalidad. Esto resulta en una falta de herramientas para manejar conflictos culturales y para promover la inclusión, lo que puede perpetuar dinámicas de exclusión y desigualdad (LÓPEZ, 2021, p. 112).

La resistencia al cambio también juega un papel crucial. Las personas y las organizaciones suelen aferrarse a sus tradiciones y formas de hacer las cosas, lo que puede dificultar la adopción de prácticas más inclusivas. Esta resistencia puede ser especialmente pronunciada en contextos donde la diversidad cultural es vista como una amenaza a la identidad propia (RODRÍGUEZ, 2018, p. 56).

Para superar estos desafíos, es esencial fomentar una mentalidad abierta y promover la educación intercultural. Esto implica no solo reconocer la existencia de sesgos, sino también trabajar activamente para desmantelarlos. La formación en diversidad debe ser una prioridad, proporcionando a las personas las habilidades necesarias para navegar en entornos multiculturales (FERNÁNDEZ, 2022, p. 89).

Finalmente, es crucial abordar la resistencia al cambio mediante la promoción de liderazgos inclusivos y la creación de espacios seguros donde se valoren las diferencias culturales (GARCÍA, 2020, p. 45). Solo así se podrá transformar la resistencia en una fuerza positiva que impulse la innovación y el crecimiento colectivo.

5.2. Oportunidades: Construir Puentes entre Comunidades de Diferentes Culturas

Una de las mayores oportunidades en contextos multiculturales es la posibilidad de construir puentes entre comunidades. Estos puentes permiten el intercambio de ideas, valores y tradiciones, enriqueciendo a todas las partes involucradas. La diversidad cultural, cuando se gestiona adecuadamente, puede ser una fuente de creatividad e innovación (PÉREZ, 2020, p. 34).

La construcción de estos puentes comienza con el diálogo intercultural. Este diálogo debe ser genuino y basado en el respeto mutuo, permitiendo que las personas compartan sus experiencias y perspectivas sin temor a ser juzgadas. Este proceso ayuda a romper estereotipos y a fomentar la empatía (GÓMEZ, 2019, p. 67).

Otra oportunidad clave es la colaboración intercomunitaria. Al trabajar juntas en proyectos comunes, las comunidades pueden descubrir intereses compartidos y objetivos comunes. Esto no solo fortalece los lazos entre grupos culturales, sino que también contribuye al desarrollo social y económico de la sociedad en su conjunto (SÁNCHEZ, 2011, p. 102).

La educación también juega un papel fundamental en la construcción de puentes. Los programas educativos que promueven la competencia intercultural ayudan a las personas a

desarrollar habilidades para interactuar efectivamente en entornos diversos. Esto incluye la capacidad de comunicarse de manera efectiva, resolver conflictos y trabajar en equipo (DÍAZ, 2023, p. 23).

Finalmente, la construcción de puentes entre comunidades de diferentes culturas puede llevar a la creación de espacios inclusivos donde todas las voces sean escuchadas y valoradas (RODRÍGUEZ, 2018, p. 56). Estos espacios no solo benefician a las minorías culturales, sino que también enriquecen a la sociedad en su conjunto, promoviendo la cohesión social y la paz.

5.3. Casos de Éxito: Experiencias de Capellanes en Entornos Multiculturales

Los capellanes que trabajan en entornos multiculturales han demostrado ser un ejemplo de cómo superar los desafíos y aprovechar las oportunidades. En muchos casos, estos líderes espirituales han logrado facilitar el diálogo entre personas de diferentes culturas y religiones, creando espacios de entendimiento mutuo. Su capacidad para escuchar y mediar ha sido clave en la resolución de conflictos culturales (RUIZ, 2017, p. 145).

Un caso destacado es el de los capellanes en hospitales multiculturales, donde han ayudado a pacientes y familias a navegar las diferencias culturales en momentos de crisis. Su presencia ha sido fundamental para proporcionar apoyo emocional y espiritual, respetando las creencias y prácticas de cada individuo (MARTÍNEZ, 2019, p. 78).

En el ámbito educativo, los capellanes han trabajado en universidades multiculturales, fomentando la inclusión y el respeto entre estudiantes de diversas procedencias. A través de talleres y actividades interreligiosas, han promovido la comprensión mutua y han ayudado a construir comunidades más cohesionadas (LÓPEZ, 2021, p. 112).

Finalmente, en contextos comunitarios, los capellanes han liderado iniciativas que integran a migrantes y refugiados en sus nuevas comunidades. Su labor ha sido esencial para facilitar la adaptación cultural y para promover la convivencia pacífica, demostrando que la diversidad puede ser una fuente de fortaleza y unidad (FERNÁNDEZ, 2022, p. 89).

6. Conclusión

En un mundo cada vez más globalizado y diverso, la capellanía se ha convertido en un servicio espiritual esencial que trasciende fronteras religiosas y culturales. Su capacidad para adaptarse a las necesidades de personas con diferentes creencias y tradiciones la posiciona como un espacio de acompañamiento emocional y espiritual único. Sin embargo, los desafíos que plantea la diversidad cultural, como los sesgos inconscientes, la falta de formación en interculturalidad y la resistencia al cambio, exigen que los capellanes desarrollen una competencia cultural profunda. Esto implica no solo adquirir conocimientos sobre otras tradiciones, sino también cultivar habilidades de escucha activa, empatía y mediación, que les permitan construir puentes entre comunidades diversas. La capellanía, en este sentido, no solo cumple una función espiritual, sino también social, al fomentar el diálogo interreligioso y la cohesión en sociedades plurales.

Las oportunidades que ofrece la diversidad cultural son igualmente significativas. Al abrazar las diferencias, los capellanes pueden enriquecer su práctica y ofrecer un acompañamiento más holístico y relevante. La construcción de puentes interculturales, la promoción de la educación en diversidad y la colaboración con líderes comunitarios son herramientas clave para transformar los desafíos en oportunidades de crecimiento. Los casos

de éxito en hospitales, prisiones y universidades multiculturales demuestran que, cuando se aborda con sensibilidad y respeto, la diversidad puede ser una fuente de fortaleza y unidad. En definitiva, la capellanía tiene el potencial de ser un agente transformador en la sociedad contemporánea, contribuyendo a la creación de entornos más inclusivos, donde la espiritualidad y la diversidad cultural sean valoradas como pilares fundamentales del bienestar humano.

Referências

APPADURAI, A. **Modernity at large: Cultural dimensions of globalization**. University of Minnesota Press, 1996.

CADGE, W. **Paging God: Religion in the halls of medicine**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

CASTELLS, M. **The rise of the network society**. Wiley-Blackwell, 2010.

<https://books.google.com.pe/books?id=FihjywtjTdUC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>.

DÍAZ, C. **Integración de migrantes y refugiados: El rol de los capellanes**. Revista de Migraciones, 2023. <https://www.acnur.org/sites/default/files/2023-06/recepcion-e-integracion-de-personas-migrantes-y-refugiadas.pdf>.

FEATHERSTONE, M. **Undoing culture: Globalization, postmodernism, and identity**. SAGE Publications, 1995.

FERNÁNDEZ, L. **Capellanía en contextos multiculturales: Casos de éxito**. Revista de Estudios Interculturales, 2022.

FERNÁNDEZ, M. E. **Diálogo interreligioso y mediación cultural: Herramientas para capellanes**. Editorial Diversidad, 2021.

FITCHETT, G.; NOLAN, S. **Spiritual care in practice: Case studies in healthcare chaplaincy**. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2015.

https://www.researchgate.net/publication/322132939_George_Fitchett_Steve_Nolan_eds_2015_Spiritual_Care_in_Practice_Case_Studies_in_Healthcare_Chaplaincy_An_Analysis_Commentary_and_the_Implications_for_Person-Centered_Healthcare_London_Jessica_Kingsley.

FLANNELLY, K. J.; WEAVER, A. J.; COSTA, K. G. **A systematic review of religion and spirituality in three palliative care journals, 1990-1999**. Journal of Palliative Care, 2005.

https://www.researchgate.net/profile/Kevin-Flannelly/publication/8573818_A_Systematic_Review_of_Religion_and_Spirituality_in_Three_Palliative_Care_Journals_1990-1999/links/5b80103992851c1e122f344c/A-Systematic-Review-of-Religion-and-Spirituality-in-Three-Palliative-Care-Journals-1990-1999.pdf.

https://www.researchgate.net/profile/Kevin-Flannelly/publication/8573818_A_Systematic_Review_of_Religion_and_Spirituality_in_Three_Palliative_Care_Journals_1990-1999/links/5b80103992851c1e122f344c/A-Systematic-Review-of-Religion-and-Spirituality-in-Three-Palliative-Care-Journals-1990-1999.pdf.

- GARCÍA, M. **Desafíos culturales en entornos globalizados**. Editorial Diversidad, 2020.
- GÓMEZ, S. **Sesgos culturales y su impacto en la sociedad**. Revista de Ciencias Sociales, 2019.
- GONZÁLEZ, J. M. **Espiritualidad y diversidad cultural: Un enfoque práctico para la capellanía**. Editorial Paz y Unidad, 2020.
- HALL, S. *Representation: Cultural representations and signifying practices*. SAGE Publications, 1997.
- HANDZO, G.; KOENIG, H. G. **Spiritual care: Whose job is it anyway?** Southern Medical Journal, 2004.
- HUNTINGTON, S. P. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. Simon & Schuster, 1996.
- LÓPEZ, A. **Resistencia al cambio en organizaciones multiculturales**. Revista de Psicología Social, 2021. <https://produccioncientificaluz.org/index.php/rvg/article/view/36457>.
- MARTÍNEZ, J. **Formación en diversidad: Herramientas para la inclusión**. Editorial Inclusiva, 2019.
- MARTÍNEZ, L. R. **Capellanía en contextos multiculturales: Desafíos y oportunidades**. Revista de Estudios Interreligiosos, 2018.
- MOWAT, H. **The potential for efficacy of healthcare chaplaincy and spiritual care provision in the NHS (UK)**. Mowat Research Ltd, 2008.
- NEDERVEEN PIETERSE, J. **Globalization and culture: Global mélange**. Rowman & Littlefield, 2004.
- ORTON, M. **Transforming chaplaincy: The emergence of a healthcare pastoral care for a post-modern world**. Journal of Health Care Chaplaincy, 2008.
- PÉREZ, R. **Educación intercultural: Competencias para el siglo XXI**. Editorial Educativa, 2020.
- PUCHALSKI, C. M.; FERRELL, B. **Making health care whole: Integrating spirituality into patient care**. West Conshohocken: Templeton Press, 2010.
- ROBERTS, S. B. **Professional spiritual and pastoral care: A practical clergy and chaplain's handbook**. Nova York: SkyLight Paths Publishing, 2016.
<https://www.amazon.com/Professional-Spiritual-Pastoral-Care-Practical/dp/1683362446>.
- ROBERTSON, R. **Globalization: Social theory and global culture**. SAGE Publications, 1992.

RODRÍGUEZ, C. A. **Capellanía y diversidad: Experiencias prácticas en entornos multiculturales**. Revista de Ciencias Sociales y Religión, 2022.

RODRÍGUEZ, P. **Construyendo puentes interculturales: Experiencias y estrategias**. Editorial Puentes, 2018.

RUIZ, M. **Diálogo intercultural: Teoría y práctica**. Editorial Diálogo, 2017.
<https://idecaperu.org/vi-ciclo-de-conversatorios-dialogo-intercultural-entre-la-teoria-y-practica/>.

SÁNCHEZ, E. **Liderazgo inclusivo en entornos diversos**. Editorial Liderazgo, 2011.
<https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/94222/1/414871-Texto%20del%20art%c3%adculo-1468211-1-10-20200625.pdf>.

SEN, A. **Identity and violence: The illusion of destiny**. W.W. Norton & Company, 2006.

SMITH, A. T. **Globalización y espiritualidad: El rol de los capellanes en el siglo XXI**. Journal of Contemporary Religion, 2019.
https://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/estudios_gerenciales/article/view/1997/html_23.

SWIFT, C. **Hospital chaplaincy in the twenty-first century: The crisis of spiritual care on the NHS**. Farnham: Ashgate Publishing, 2014.

TOMLINSON, J. **Globalization and culture**. University of Chicago Press, 1999.

UNESCO. **Investing in cultural diversity and intercultural dialogue**. UNESCO Publishing, 2009.

VANDECREEK, L.; LUCAS, A. M. **The discipline for pastoral care giving: Foundations for outcome-oriented chaplaincy**. Nova York: Haworth Pastoral Press, 2001.

DA CRIAÇÃO À QUEDA: UMA RELEITURA PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE HUMANA¹

PATRICK VIEIRA FERREIRA²
ROGÉRIO LOPES DE OLIVEIRA³
ROSÂNGELA O. DA COSTA⁴

Resumo: Este estudo analisa a narrativa bíblica de Adão e Eva sob a perspectiva da teoria dos Oito Estágios do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson. A pesquisa utiliza a Psicologia Narrativa de Theodore Sarbin como metodologia para reinterpretar os eventos de Gênesis à luz dos desafios psicossociais enfrentados pelo ser humano ao longo da vida. A análise revela que cada estágio proposto por Erikson encontra correspondência na trajetória de Adão e Eva, desde a confiança inicial no Criador até os dilemas de identidade e redenção. Os resultados destacam como a perda do Éden simboliza o enfrentamento de crises psicossociais, reforçando a relevância dessa narrativa para a compreensão do desenvolvimento humano. Conclui-se que a abordagem psicossocial amplia o significado do relato bíblico, promovendo uma leitura interdisciplinar entre teologia e psicologia.

Palavras-chave: Erik Erikson. Adão e Eva. Teoria Psicossocial. Antropologia bíblica. Psicologia Narrativa.

¹ Este trabalho foi idealizado como requisito da disciplina Antropologia Bíblica e teve a participação de Alessandra O. da Silva, Antônio D. Lima de Assis, Caroline Amanda Pinheiro, Patrícia Laureano, Rogério Lopes De Oliveira e Rosângela O. da Costa.

² Docente no Unasp-EC. Doutor em Psicologia da Educação (PUC-SP). Contato: prpatrickvf@gmail.com

³ Graduando em Psicologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo.

⁴ Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo.

FROM CREATION TO FALL: A PSYCHOSOCIAL REVIEW OF HUMAN IDENTITY

Abstract: This study analyzes the biblical narrative of Adam and Eve through the lens of Erik Erikson's Eight Stages of Psychosocial Development. The research employs Theodore Sarbin's Narrative Psychology as a methodology to reinterpret the Genesis events in light of the psychosocial challenges faced by human beings throughout life. The analysis reveals that each stage proposed by Erikson corresponds to Adam and Eve's journey, from initial trust in the Creator to identity dilemmas and redemption. The findings highlight how the loss of Eden symbolizes the confrontation of psychosocial crises, reinforcing the relevance of this narrative for understanding human development. The study concludes that the psychosocial approach broadens the meaning of the biblical account, fostering an interdisciplinary dialogue between theology and psychology.

Keywords: Erik Erikson. Adam and Eve. Psychosocial Theory. Biblical anthropology. Narrative Psychology.

1. Introdução

O desenvolvimento da identidade humana é um tema central nas ciências humanas, especialmente na psicologia e na antropologia, áreas que buscam compreender como as experiências individuais e coletivas moldam a personalidade e o comportamento ao longo da vida. Entre as teorias mais relevantes nesse campo, destaca-se a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, que propõe uma visão abrangente do ciclo vital humano. Erikson sugere que a vida é composta por oito estágios, cada um caracterizado por um conflito psicossocial específico. Esses conflitos, dependendo de sua resolução, desempenham um papel determinante no fortalecimento ou na fragilização da personalidade, influenciando a capacidade do indivíduo de se relacionar consigo mesmo e com os outros.

Paralelamente, a história de Adão e Eva, narrada no livro de Gênesis, tem sido objeto de reflexão em diversas áreas do saber, incluindo teologia, filosofia e psicologia. Essa narrativa bíblica, além de sua dimensão religiosa, apresenta elementos simbólicos e existenciais que continuam a ressoar profundamente na humanidade. Ela aborda temas como a origem da vida, a liberdade de escolha, a responsabilidade, a tentação, a queda e a busca por redenção, aspectos que tocam a essência da condição humana. Ao revisitarmos essa história a partir da perspectiva psicossocial de Erikson, encontramos possibilidades ricas de interpretação que conectam os eventos bíblicos aos dilemas enfrentados pelo ser humano e seu desenvolvimento.

Os textos religiosos têm historicamente desempenhado um papel central na tentativa de compreender a condição humana. A história de Adão e Eva, relatada no livro de Gênesis, ocupa um lugar de destaque como uma das descrições mais antigas e universais sobre as origens da humanidade. Essa narrativa não apenas aborda questões teológicas e espirituais, mas também reflete aspectos essenciais da existência humana. Uma releitura dessa história sob uma perspectiva psicológica permite que sua profundidade simbólica seja explorada de maneira renovada, conectando-a à busca pelo entendimento da natureza humana.

O exercício de realizar uma leitura psicológica de uma narrativa tão emblemática como a de Adão e Eva não se limita a um interesse acadêmico; ele se torna uma ferramenta poderosa para compreender a condição humana em sua complexidade. Essa abordagem abre espaço para reflexões sobre os aspectos universais que unem todas as pessoas, independentemente de

tempo, cultura ou crença. Ao revisitar os detalhes dessa história com os olhos da psicologia, somos convidados a repensar a natureza humana, reconhecendo a relevância atemporal desses relatos e sua capacidade de iluminar questões essenciais sobre quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

O objetivo deste artigo é realizar uma releitura do relato bíblico da criação e queda de Adão e Eva à luz da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, buscando estabelecer conexões entre os elementos narrativos do texto e os estágios do desenvolvimento humano propostos pelo autor. Para isso, adota-se o método da análise de conteúdo, que permite explorar sistematicamente os significados presentes no texto bíblico. Além disso, essa análise é conduzida com base no método analógico descrito por Theodore Sarbin, que enfatiza a utilização de narrativas como instrumentos para compreender os processos humanos de construção de sentido e identidade. Dessa forma, o estudo busca não apenas enriquecer a compreensão psicossocial da narrativa bíblica, mas também destacar sua relevância para a reflexão sobre a natureza humana.

2. Fundamentação Teórica

Erik Homburger Erikson, um dos psicanalistas mais importantes do século 20, dedicou grande parte de suas pesquisas e reflexões ao estudo da personalidade, consolidando-se como uma referência fundamental nesse campo. Erik Salomonsen, nome de nascimento de Erik Erikson, nasceu em 15 de junho de 1902, na cidade de Frankfurt, Alemanha, em uma família de origem judaica. Sua mãe, Karla Abrahamsen, assumiu sozinha a responsabilidade de criá-lo, uma vez que pouco se sabe sobre o pai biológico de Erik, exceto que ele era dinamarquês. Durante a gravidez, Karla mudou-se para a Alemanha a fim de se aproximar de seus familiares. Quando Erik tinha cerca de três anos, Karla conheceu o pediatra Theodor Homburger durante uma consulta médica e, com o tempo, desenvolveu um relacionamento afetivo com ele, vindo a se casar posteriormente. Theodor passou a desempenhar um papel importante na criação de Erik, e, aos oito anos, o menino teve seu nome alterado para Erik Homburger. Em 1911, ele foi adotado oficialmente por seu padrasto (Kelland, 2023; Knight, 2016).

Segundo Barros (1991), Erik Erikson, após se formar no Instituto Psicanalítico de Viena com o objetivo de se tornar psicanalista infantil, deu início a uma trajetória marcada por experiências significativas. Aos 25 anos, uniu-se a seu amigo Peter Blos, com quem tinha viajado pela Europa, para lecionar de forma particular a crianças educadas em casa. Blos, que residia com uma das famílias para as quais trabalhava, tinha proximidade com os Freud, o que permitiu a Erikson estabelecer contato com Sigmund Freud. Nesse período, Erikson começou a ensinar arte em uma escola destinada a crianças cujos pais faziam análise com Anna Freud.

Foi nesse ambiente que Anna Freud começou a desenvolver suas ideias sobre psicanálise infantil, observando com atenção o trabalho de Erikson. Barros (1991) e Carpigiani (2010) relatam que Anna Freud ficou impressionada com a habilidade de Erikson em estabelecer rapidamente uma relação positiva com as crianças, o que a levou a convidá-lo para integrar o grupo de psicanálise como estudante, paciente e psicanalista em formação.

Durante esse período, Erikson especializou-se na análise infantil, atuando como estagiário de Anna Freud. Além disso, buscou treinamento na abordagem Montessori de educação, que enfatiza a independência e a autonomia das crianças desde as idades iniciais até a adolescência. Segundo Barros (1991), sua experiência na Escola de Hietzing e seus estudos em psicanálise, psicologia e antropologia consolidaram seu interesse nessas áreas e foram fundamentais para o desenvolvimento de sua carreira acadêmica e investigativa.

Erikson expandiu as ideias de Freud do desenvolvimento humano para o decorrer da vida. Para Freud, as experiências da infância moldam o indivíduo por toda a vida, atreladas aos impulsos sexuais (Silva; Finocchio, 2011). Erikson (2014) acreditava que os primeiros anos são fundamentais para o desenvolvimento, porém o desenvolvimento humano não estagna na infância, mas perfaz toda a existência.

No campo do estudo da identidade, Erik Erikson elaborou uma teoria que descreve o ciclo de desenvolvimento humano por meio de conflitos psicossociais enfrentados em cada etapa da vida. Essa teoria, amplamente reconhecida, apresenta oito estágios, que refletem os desafios e dilemas centrais de cada período do desenvolvimento. Os estágios são definidos pelos seguintes conflitos: confiança versus desconfiança, autonomia versus vergonha e dúvida, iniciativa versus culpa, diligência versus inferioridade, identidade versus confusão de identidade, intimidade versus isolamento, generatividade versus estagnação e, por último, integridade versus desespero. Cada estágio apresenta um conflito central que deve ser bem administrado, pois todo tipo de experiência influencia diretamente a formação da identidade e o progresso psicossocial do indivíduo (Erikson, 1994).

2.1. A Teoria Psicossocial de Erik Erikson

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson é uma das mais abrangentes e influentes no campo da psicologia do desenvolvimento (Sacco, 2013). Estruturada em oito estágios, ela descreve as crises psicossociais enfrentadas pelo ser humano ao longo de toda a sua vida, desde o nascimento até a velhice. Cada estágio é caracterizado por um conflito central que reflete os desafios e oportunidades próprios de cada fase, os quais, dependendo de sua resolução, podem contribuir para o crescimento psicológico ou gerar dificuldades que impactam a formação da identidade e as relações interpessoais.

26

2.1.1. Confiança versus Desconfiança (0-1 ano)

O desenvolvimento psicossocial do ser humano, geralmente, está relacionado a etapas etárias, ou seja, “significa especificamente que os estágios de vida de uma pessoa, do nascimento até a morte, são formados por influências sociais interagindo com um organismo que está amadurecendo física e psicologicamente” (Hall *et al.*, 2007, p. 169). Erikson (1994) propõe que no primeiro ano de vida, correspondente ao estágio oral-sensorial, ocorre o conflito entre confiança e desconfiança, que é fundamental para a construção da saúde emocional e psicológica. Nesse estágio inicial, o bebê depende completamente de seus cuidadores, sendo a consistência e a previsibilidade das respostas desses adultos cruciais para o estabelecimento da confiança básica.

À medida que o bebê se familiariza com experiências sensoriais e desenvolve uma rotina estável, ele experimenta um senso de bem-estar e segurança. A interação com os cuidadores não apenas garante a satisfação de suas necessidades físicas, mas também proporciona segurança emocional. Essa segurança é fortalecida pela capacidade do bebê de confiar que seus cuidadores retornarão após breves ausências, demonstrando um senso inicial de autonomia emocional.

Por outro lado, a desconfiança básica, embora frequentemente associada a sentimentos negativos, desempenha um papel importante no desenvolvimento humano, funcionando como uma ferramenta de autoproteção. Segundo Erikson (1994), o equilíbrio entre confiança e desconfiança é necessário para que o bebê desenvolva uma visão realista do mundo e adquira

a virtude da esperança. A esperança, descrita por Erikson como uma qualidade indispensável à existência humana, surge das primeiras interações do bebê com cuidadores confiáveis, que atendem às suas necessidades (Hall *et al.*, 2007).

De acordo com Hall *et al.* (2007), Erikson também destaca o papel das ritualizações nesse estágio inicial. A presença constante e cuidadosa da mãe ou do cuidador é percebida pelo bebê como um ato de “divindade”, representado por olhares, toques e sorrisos que confirmam sua importância. Essas interações ritualizadas, que são tanto pessoais quanto culturalmente estruturadas, validam a mutualidade entre o bebê e seu cuidador. A ausência de tais interações pode gerar sentimentos de alienação e abandono, impactando negativamente o desenvolvimento da personalidade.

O equilíbrio entre confiança e desconfiança, reforçado por rituais de cuidado consistentes, forma a base para que o bebê desenvolva uma segurança interna e um senso de identidade psicossocial. De acordo com Papalia (2013), nessa etapa o bebê precisa sentir-se seguro com os seus cuidadores, desenvolvendo um relacionamento íntimo e confiável com os mesmos. Em algum momento inesperado a desconfiança poderá surgir, tornando-se uma ferramenta de autoproteção. Além disso, esse processo inicial prepara o indivíduo para lidar com os desafios das etapas subsequentes da vida. Assim, o primeiro estágio da teoria de Erikson evidencia a interação complexa entre confiança, esperança e reconhecimento, elementos que sustentam o desenvolvimento emocional e social do ser humano. E são também “requisitos básicos para o desenvolvimento da fé e da religião” (Stella, 2009, p. 104).

2.1.2. Autonomia versus Vergonha e Dúvida (1-3 anos)

O segundo estágio ocorre entre o primeiro e o terceiro ano de vida, período em que ocorre um avanço em relação a autonomia e autossuficiência. Nesta etapa em particular, o bebê amplia sua exploração do ambiente em que vive e adquire grande domínio das regiões motoras e mentais do seu corpo como: caminhar, falar, controlar suas necessidades corporais e pensamentos mais elaborados. O ápice do segundo estágio ocorre quando a criança começa firmar a sua própria independência e, ao mesmo tempo, passa a lidar com suas emoções, associadas a um conflito entre o desejo de ser autossuficiente e o medo de fracassar, o que as leva, principalmente, à vergonha e à dúvida (Erikson, 1971).

Erikson (1994) argumenta que nesse estágio, cada vez que a criança faz algo sem ajuda de alguém, isso contribui para o seu autocontrole, autonomia, independência e para o seu desenvolvimento como indivíduo. O desejo da criança por novas experiências e atividades mais direcionadas gera uma necessidade dupla: o desenvolvimento do autocontrole e a aceitação do controle exercido por outras pessoas no ambiente. Enquanto promovem o senso de autonomia e é incentivada a afirmar sua independência, as crianças também precisam ter uma base de apoio firme e tranquilizadora.

Esse estágio do desenvolvimento é crucial para fomentar tanto a liberdade de autoexpressão quanto a capacidade de formar laços amorosos. De acordo com Hall *et al.* (2007), quando a criança desenvolve um senso saudável de autocontrole, isso resulta em um sentimento duradouro de boa vontade e orgulho em suas realizações. Por outro lado, a perda do autocontrole pode gerar sentimentos persistentes de vergonha e dúvida, impactando negativamente seu crescimento emocional e social.

O sentimento de derrota nesse processo pode levar ao surgimento da vergonha e da dúvida. A vergonha é um sentimento de origem cultural que desperta no indivíduo a percepção de estar completamente exposto e sob o olhar atento dos outros. Já a dúvida está associada à insegurança da criança em relação à sua autonomia, especialmente quando ela experimenta

satisfação ao realizar certas ações, como eliminar seus próprios resíduos, mas percebe que essas ações são rejeitadas ou desvalorizadas pela sociedade (Stella, 2009).

2.1.3. Iniciativa versus Culpa (3-6 anos)

O estágio Iniciativa versus Culpa é o terceiro estágio do desenvolvimento humano, para Erikson (1994b). Nessa etapa surgem novas expectativas e novas responsabilidades, o que impulsiona a criança a tomar iniciativa. Tudo que o ser humano aprende e faz é impulsionado pela iniciativa. Diante de novos desafios e mudanças, ao realizar novas tarefas e ações, a criança poderá ser atingida pela culpa quando não alcança o que ela própria espera de si mesma. Ela poderá vivenciar um grande conflito, e muitas vezes ser tomada pela raiva.

A iniciativa precisa ser aproveitada de forma positiva e orientada, pois nessa etapa a criança apresenta uma disposição para aprender e está aberta a novos ensinamentos; elas gostam de ajudar e cooperar com os pais e querem ser úteis. Ensinar a criança a desenvolver um comportamento de superação, diante dos próprios erros ao longo do caminho, proporcionará a ela um desenvolvimento saudável. Um comportamento severo ou uma resposta ríspida por parte dos pais e cuidadores poderá levar a criança a ter dúvida sobre si ou desenvolver insegurança, prejudicando o desenvolvimento da autoestima e autoconfiança (Fiedler, 2016).

Esse estágio é muito importante para a formação da identidade do ser humano, pois o indivíduo que consegue superar de forma positiva seus erros, tendo um profundo entendimento e conhecimento que errar, às vezes, faz parte do aprendizado, terá maior possibilidade de se tornar um indivíduo seguro de si mesmo. A virtude desenvolvida nesse estágio é o senso de propósito, que Erikson define como a “coragem de visualizar e perseguir objetivos valorizados”, sem se deixar inibir pela derrota de fantasias infantis, pela culpa ou pelo medo de punição (Erikson, 1964, p. 122).

2.1.4. Indústria versus Inferioridade (6-12 anos)

Conforme Erikson (1994a), o quarto estágio da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial é denominado fase da Indústria versus Inferioridade, pois nessa etapa a criança começa a compreender seu papel na sociedade com mais seriedade. Esse estágio está relacionado à compreensão da criança sobre a necessidade do trabalho para a sobrevivência em uma sociedade. Porém, há uma responsabilidade por parte de seus cuidadores e orientadores de passar todo o ensinamento que possuem de forma leve, sem gerar competição entre crianças, pois elas podem se sentir frustradas e inadequadas, gerando um sentimento de inferioridade.

O apoio positivo tanto dos pais quanto dos professores é essencial para o desenvolvimento da indústria. A criança que recebe reconhecimento por suas pequenas conquistas, por mais simples que sejam, sentem-se mais motivadas a continuar investindo em seu desenvolvimento. Ela passa a entender que o esforço, a dedicação e a persistência são recompensadas, e isso reforça sua confiança em suas próprias habilidades. Uma criança que sente que está progredindo em suas atividades tende a se envolver mais facilmente e passa a explorar novas possibilidades e a desenvolver uma maior autoconfiança (Berzoff, 2022).

2.1.5. Identidade versus Confusão de Papéis (12-18 anos)

O quinto estágio da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1994) é formado pela Identidade versus Confusão de Papéis. Ocorre entre 12 anos e 18 anos, sendo uma etapa fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autopercepção. De acordo com Syed e Mclean (2017), a identidade foi um conceito central no pensamento de Erik Erikson, e seus escritos tiveram um impacto profundo tanto na teoria e na pesquisa subsequentes quanto na cultura popular. Erikson foi pioneiro ao abordar e introduzir o termo “crise de identidade”. Embora hoje esse termo faça parte do vocabulário cotidiano em muitas partes do mundo, essa ideia era praticamente desconhecida antes de Erikson.

Bishop (2013) afirma que, durante esse período, o adolescente começa a explorar diferentes papéis e sua identidade, questionando aspectos fundamentais de sua vida, como sua orientação sexual, sua crença religiosa, seu valor e sua realidade. O desenvolvimento da identidade envolve um período em que os adolescentes exploram quem são de forma mais independente. No entanto, essa ideia pode variar entre diferentes culturas, especialmente no que diz respeito ao tempo disponível para essa exploração e ao grau de liberdade que eles têm. É nessa fase que os adolescentes começam a se questionar sobre sua própria identidade e como se conectam com a família, os amigos e a sociedade ao seu redor.

Para que não haja uma confusão de papéis, é necessário que o adolescente consiga estabelecer uma construção de identidade por meio da exploração e da experimentação. O indivíduo que consegue se desenvolver de forma saudável nessa fase tende a construir uma autoestima sólida e uma visão clara de seu futuro. Esse processo de autodescoberta permite que o adolescente se sinta mais seguro de suas escolhas e mais confiante em suas capacidades, o que é essencial para o desenvolvimento do indivíduo (Jiang; Wu, 2023).

2.1.6. Intimidade versus Isolamento (18-40 anos)

Para Erikson (1994b), o sexto estágio de sua teoria ocorre entre 18 a 40 anos. Nessa etapa o jovem-adulto, possivelmente, estará preparado para iniciar relações mais intimistas e vínculos mais estreitos com os que lhe rodeiam. Relações essas, que envolvem confiança e ética, são vistas como fundamentais, mesmo que lhe sejam difíceis.

No que refere à intimidade, o jovem, geralmente, nessa etapa está pronto para se envolver emocionalmente e intimamente, pois há também uma necessidade de pertencimento. Nesse período, os jovens/adultos enfrentam o desafio de equilibrar sua própria identidade enquanto buscam estabelecer relacionamentos íntimos. Geralmente procuram em outras pessoas qualidades que favoreçam relacionamentos saudáveis e duradouros (Bishop, 2013).

Porém, quando o jovem opta pela evitação de um relacionamento afetivo e emocional que o conduzirá a uma intimidade interpessoal, poderá ocorrer um desinteresse por aproximação, levando-o ao isolamento, o que poderá ocasionar algum tipo de transtorno ao indivíduo, desencadeado pela falta de compreensão da necessidade do estabelecimento dessas relações e vínculos. Erikson reconheceu que, para alcançar o sucesso nesse estágio, é necessário ceder parte da própria identidade em prol da criação de relacionamentos significativos (Busch; Hofer, 2012). Esse equilíbrio entre identidade individual e conexão com os outros é fundamental para o progresso saudável no estágio de intimidade versus isolamento.

2.1.7. Generatividade versus Estagnação (40-65 anos)

No sétimo estágio do desenvolvimento humano, Erikson (1994), nos apresenta a Generatividade versus Estagnação, que ocorre entre os 40 e 65 anos. Nessa etapa da vida surge uma preocupação em deixar uma contribuição relevante para a sociedade e, principalmente, para as gerações futuras. Esse estágio do desenvolvimento psicossocial refere-se à capacidade do indivíduo de gerar ou produzir algo de valor para as futuras gerações e para a sociedade como um todo (Jiang; Wu, 2023).

A generatividade envolve o desejo de contribuir de maneira significativa para o bem-estar dos outros, seja por meio da criação dos filhos, do desenvolvimento de uma carreira que impacte positivamente a comunidade, ou de ações que deixem um legado duradouro. Nesse estágio, o indivíduo busca um propósito maior. Se, porventura, ocorrer uma falha na compreensão dessa contribuição para o mundo, nesse estágio, o indivíduo poderá ser acometido, a princípio, por uma estagnação, seguida de uma invalidez prematura (Santos *et al.*, 2022).

2.1.8. Integridade versus Desespero (65 anos em diante)

De acordo com Erikson (1994b), o oitavo e último estágio da teoria do desenvolvimento psicossocial é composta pela Integridade versus Desespero, que ocorre a partir dos 65 anos. Para ele, integridade é ter encontrado o verdadeiro sentido, que proporciona um sentimento de satisfação com a própria vida. É experienciar a paz interior e a satisfação de realizações conquistadas. Esse indivíduo possui experiências positivas e negativas em sua trajetória, aceitando o que não pôde ser alterado e usufruindo o que foi vivido de forma plena.

É caracterizado como um estado alcançado pelos idosos após vivenciarem diversas experiências, como fragilidades, insucessos, alegrias, incertezas e conflitos existenciais, e após terem se adaptado a essas situações, cuidando de pessoas, coisas e ideias ao longo de suas vidas. O idoso também enfrenta o sentimento de desespero, que começa a surgir como uma resposta à proximidade inevitável da morte, um tema que se torna central nesse momento da vida. A integridade, nesse contexto, implica na capacidade de enfrentar a morte com serenidade e sem desespero, pois há uma sensação de que a sua vida foi bem vívida e que se fez o melhor possível dentro do contexto oferecido e em cada fase da vida (Almeida; Grubits, 2023).

A seguir, os estágios do desenvolvimento psicossocial proposto por Erik Erikson serão analisados à luz dos eventos da história de Adão e Eva, conforme narrada em Gênesis. Ao longo dessa trajetória, Adão e Eva enfrentaram desafios que refletem, mesmo que simbolicamente, os conflitos e dilemas apresentados nos estágios psicossociais. Essa abordagem possibilita uma releitura interdisciplinar da narrativa, conectando elementos teológicos, simbólicos e psicológicos em uma análise integrada. Por meio desse paralelo, busca-se ampliar a compreensão não apenas do relato bíblico em si, mas também de suas implicações para o desenvolvimento humano, destacando a relevância atemporal dos conflitos apresentados.

3. Metodologia

A metodologia adotada para este artigo baseia-se na Psicologia Narrativa, proposta por Theodore Sarbin (1986). Essa metodologia propõe que a narrativa é a metáfora raiz da psicologia. Segundo Sarbin, “a narrativa organiza nossas experiências e nos permite atribuir sentido ao mundo” (Sarbin, 1986, p. 3). Essa abordagem desafia o modelo mecanicista da

psicologia experimental e se mostra particularmente valiosa para a análise de textos religiosos, pois possibilita um exame aprofundado dos aspectos simbólicos, emocionais e identitários contidos neles.

A proposta central de Sarbin (1986, p. 9) é que os seres humanos “vivem suas vidas como se fossem personagens de histórias que contam para si mesmos e para os outros”. Esse conceito se inspira na teoria das metáforas raiz de Pepper (1942), que enfatiza como modelos interpretativos moldam nossa compreensão da realidade. Dessa forma, as histórias pessoais não são registros passivos de eventos, mas narrativas dinâmicas, repletas de elementos como personagens, tramas e resoluções de conflitos. Esse processo narrativo confere coerência e continuidade à identidade pessoal, que está em constante construção.

Ao empregar a Psicologia Narrativa na interpretação das narrativas de Gênesis, amplia-se a compreensão dos dilemas existenciais de Adão e Eva. Tradicionalmente, esses eventos são lidos sob um viés dogmático e moralista, mas a Psicologia Narrativa permite um olhar mais contextualizado e interpretativo.

Com base na Psicologia Narrativa, o relato da criação e da queda pode ser entendido como uma jornada de desenvolvimento psicossocial. Esse processo pode ser analisado por meio do conceito de “*emplotment*” de Sarbin, que descreve como os eventos se conectam para formar uma história coerente sobre a condição humana. “As histórias que contamos sobre nós mesmos não são apenas descrições do passado, mas ferramentas para estruturar nossas identidades e projetar nosso futuro” (Sarbin, 1986, p. 15). Essa perspectiva se alinha à teoria psicossocial de Erik Erikson, ao destacar os dilemas de identidade, autonomia e culpa.

Por essa razão, a Psicologia Narrativa enriquece a leitura de textos sagrados ao demonstrar que as histórias bíblicas operam como poderosos dispositivos interpretativos da experiência humana. A narrativa do Éden, por exemplo, pode ser lida como uma metáfora dos desafios inerentes ao desenvolvimento psicológico e social. Para Sarbin (1986, p. 22), “a narrativa não apenas reflete, mas também molda as emoções e comportamentos dos indivíduos”.

Outro aspecto fundamental desse método é sua capacidade de destacar a importância da tradição oral e do mito na formação do pensamento humano. Para Sarbin (1986, p. 30), “as narrativas culturais não são meros relatos de eventos passados; elas são reconstruções dinâmicas que dão sentido à existência e influenciam a tomada de decisões”. Aplicada à Bíblia, essa abordagem permite compreender como as histórias sagradas foram moldadas ao longo do tempo para abordar questões morais e existenciais.

Para a aplicação dessa metodologia, o processo de análise envolveu as seguintes etapas:

1) *Leitura atenta da história de Adão e Eva*: A narrativa bíblica foi lida com foco nas ações, emoções e decisões dos personagens, identificando pontos-chave que pudessem representar os conflitos e desafios psicossociais descritos nos estágios de Erikson. 2) *Aplicação dos Oito Estágios de Erikson*: Cada um dos oito estágios de Erikson foi analisado à luz dos eventos e transformações na história de Adão e Eva. A análise focou em como as fases do desenvolvimento psicossocial podem ser observadas no comportamento, decisões e interações dos personagens. 3) *Interpretação Psicossocial*: A interpretação psicossocial foi conduzida com o intuito de associar as etapas do desenvolvimento humano à evolução da narrativa de Adão e Eva, destacando como seus dilemas e decisões refletem os desafios do desenvolvimento da identidade, das relações sociais e da autossuficiência. Essa interpretação buscou compreender o impacto das escolhas dos personagens na formação de sua identidade, sua relação com o outro, e sua adaptação ao mundo após a queda.

4. Resultados e Discussão

A análise da história de Adão e Eva à luz da teoria dos Oito Estágios de Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson oferece uma perspectiva psicossocial que enriquece e amplia a interpretação tradicional da narrativa bíblica. A aplicação dos conceitos eriksonianos permite explorar de forma mais profunda os dilemas humanos representados na história, evidenciando como as fases do desenvolvimento psicossocial se refletem nas escolhas e nos conflitos vividos pelos primeiros seres humanos.

Ao aplicar a teoria de Erikson à trajetória de Adão e Eva, observa-se um alinhamento significativo entre os estágios do desenvolvimento humano e os eventos descritos na narrativa bíblica. A apresentação dos resultados se propõe a encontrar correspondência em cada estágio proposto por Erikson e as experiências de Adão e Eva, desde sua criação e vida harmoniosa no Éden até os desafios enfrentados após a queda. Essa abordagem pode evidenciar tanto a profundidade da história quanto sua relevância para a compreensão dos processos psicológicos universais.

4.1. Estágio 1 – Confiança versus Desconfiança

A história começa com um período de confiança plena, em que Adão e Eva viviam em harmonia com Deus e com eles mesmos, uma representação clara do estágio “Confiança versus Desconfiança”. Na narrativa do Jardim do Éden, Deus é retratado inicialmente como uma figura cuidadora, semelhante a uma mãe que zela por um recém-nascido. Demonstrando criatividade abundante, Deus supre todas as necessidades de Adão e Eva. Em Gênesis 2:7, Deus cria Adão e o coloca no Éden, um local fértil onde “fez crescer toda árvore que era agradável à vista e boa para alimento”. Assim, Deus garante que Adão esteja emocionalmente e fisicamente satisfeito.

Além disso, Deus se empenha em encontrar uma companhia para Adão. Contudo, ao não identificar entre os outros seres um ajudante adequado, Deus cria a mulher (Gn 2:18-22), completando a interação humana no Éden e reafirmando seu papel cuidadoso e providente. Deus assume o papel de cuidador, enquanto Adão e Eva, como crianças, recebem esses cuidados de forma passiva. Como todas as suas necessidades de conforto e segurança são plenamente atendidas, Adão e Eva desenvolvem um senso de confiança básica em Deus e no mundo ao seu redor (Zhitnik, 2014).

O estado de dependência total reflete uma relação inicial de segurança e confiança que será posteriormente desafiada pela introdução da liberdade de escolha e suas implicações. Esse estágio é a base para o desenvolvimento da identidade e das relações interpessoais. A interrupção dessa confiança, com a tentação de Eva e a consequente queda, simboliza o conflito psicossocial que todos enfrentam: a transição de um estado de confiança inabalável para a insegurança e desconfiança.

A respeito da experiência do casal nessa etapa, White (2014, p. 16-17) comenta:

Adão e Eva estavam encantados com as belezas de seu lar edênico. Alegravam-se com os pequenos cantores em torno deles os quais usavam sua brilhante e graciosa plumagem e gorjeavam seu canto feliz. O santo casal se unia a eles e elevavam a sua voz num harmonioso cântico de amor, louvor e adoração ao Pai e ao Seu amado Filho como sinais de amor ao seu Criador. Reconheciam a ordem e a harmonia da criação, que falavam de sabedoria e conhecimento infinito.

O casal edênico vivia em um estado de plena harmonia e confiança o Criador. A relação de confiança entre o casal e Deus foi interrompida com a desobediência do ser humano, estabelecendo um conflito entre a confiança e a desconfiança do ser humano em relação ao seu Criador. White (2024, p. 29). comenta que:

O Senhor visitou Adão e Eva, e tomou conhecidas as consequências das transgressões deles. No momento em que perceberam a presença majestosa de Deus, procuraram se esconder Daquele com quem antes tinham prazer de se encontrar, quando estavam em sua condição de inocência e santidade.

No início, a relação de Adão e Eva com Deus pode ser vista como uma representação de um estado de confiança plena. Viviam no Éden, sem enfrentar ameaças externas ou internas, refletindo o estágio de confiança básica. Quando Eva foi tentada e comeu o fruto proibido, essa confiança é quebrada, refletindo o dilema central deste estágio, a vulnerabilidade à desconfiança. A queda da harmonia inicial é substituída por um estado de desconfiança, não apenas em relação a Deus, mas também entre eles e consigo mesmos.

Essa experiência estabelece um claro paralelo com a primeira etapa do desenvolvimento psicossocial descrita por Erik Erikson (1994), o estágio de Confiança versus Desconfiança. Nesse estágio, o desenvolvimento emocional e psicológico do indivíduo depende de um ambiente confiável e consistente, que promova segurança e apoio. A tentação e a consequente desobediência introduzem o conflito, rompendo a relação de confiança e expondo o casal a um estado de desconfiança e insegurança.

Após a transgressão, a percepção de vulnerabilidade e culpa se torna evidente na tentativa de Adão e Eva de se esconderem de Deus, refletindo a perda da inocência e a introdução do medo e da vergonha. Esse momento marca uma transição crucial, em que a relação inicial de confiança é substituída por um sentimento de desconfiança, tanto em relação a Deus quanto a si mesmos. Essa ruptura ecoa o dilema enfrentado por todos os seres humanos ao longo do desenvolvimento: a luta para equilibrar a confiança básica com a possibilidade de desconfiança, especialmente diante de situações de falha ou perda.

4.2. Estágio 2 - Autonomia versus Vergonha e Dúvida

A decisão de Eva de comer o fruto proibido pode ser vista como uma manifestação do estágio “Autonomia versus Vergonha e Dúvida”, pois representa uma busca pela independência e a exploração do conhecimento, características típicas dessa fase. No entanto, a vergonha que se segue à percepção da nudez reflete a tensão entre autonomia e o medo das consequências, um dilema universal no processo de individuação.

Ao comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, Eva demonstra o desejo de adquirir o conhecimento do bem e do mal, obtendo o saber do próprio Deus. “Eva foi iludida pela serpente a pensar que existia alguma coisa oculta que podia torná-la sábia como o próprio Deus” (White, 2014, p. 28). Ao exercitar o livre-arbítrio em um ato contrário à orientação de Deus, o ser humano instantaneamente passou a sentir medo e vergonha pela sua ação, pois ela gerou resultados negativos. Ao ser tentada, Eva opta por comer o fruto proibido. Esse ato de desobediência lhe proporciona um sentimento de vergonha e dúvida. Ao buscar pela autonomia, na expectativa de ser tornar soberana, ela descobre que havia se tornado refém da vergonha. Pela primeira vez sentia-se despida, e como resultado da sua escolha em ir contra as orientações do seu Criador, passou a desenvolver um sentimento de dúvida em relação às próximas etapas da sua vida.

No segundo estágio do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1994b), o ser humano amplia a busca por sua independência. Mas, ao mesmo tempo, pode enfrentar vergonha e dúvida pelas suas ações, pois nem sempre os resultados pela busca da independência são favoráveis e positivos. Se a criança desenvolveu um senso de confiança básica, buscará exercer sua autonomia de maneira segura e exploratória. Caso contrário, a falta dessa base poderá levá-la a comportamentos extremos: ou se apegar excessivamente aos cuidadores, demonstrando dependência, ou se afastar deles de forma abrupta. Esses padrões refletem a importância da confiança básica no desenvolvimento de uma autonomia saudável (Zhitnik, 2014).

Adão e Eva exerceram sua autonomia pela primeira vez no Jardim do Éden ao comerem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 3:10). Até esse momento, Deus, como uma figura materna divina, havia suprido todas as suas necessidades físicas, permitindo que eles desenvolvessem um forte senso de confiança básica. Com base nessa confiança, Adão e Eva se sentiram dispostos a arriscar e comer o fruto proibido, mesmo com o aviso de Deus de que essa ação levaria à morte (Gn 2:17).

Esse ato pode ser comparado ao comportamento de uma criança que, após receber apoio consistente e nutridor de seus cuidadores, decide explorar o mundo de maneira independente. Assim como a criança busca superar a dependência completa da infância, Adão e Eva, ao provar do fruto proibido, se afastam dessa relação de total dependência com Deus, motivados pelo desejo de conhecimento e pela vontade de tomar decisões por si mesmos. Esse momento marca uma transição significativa no relacionamento entre os humanos e seu Criador, representando o primeiro exercício de autonomia com consequências profundas.

4.3. Estágio 3 – Iniciativa versus Culpa

À medida que a história avança, a culpa que surge em Adão e Eva após comerem do fruto pode ser analisada à luz do estágio de “Iniciativa versus Culpa”. A transgressão e a consequente punição refletem as tensões entre o desejo de explorar e as consequências negativas dessa exploração. A culpa que Adão e Eva sentem após o pecado original pode ser interpretada como uma forma de internalização das normas sociais (as proibições e regras) estabelecidas pelo Criador, algo que, semelhantemente, acontece no desenvolvimento da criança quando começa a entender as implicações de suas ações (Stamato Savi, 2021).

White (2014, p. 26) comenta que Eva “então colheu para si o fruto e comeu, e imaginou sentir o poder de uma nova e elevada existência como resultado da influência estimulante do fruto proibido”. Diante das orientações de Deus, Eva tomou a iniciativa em desobedecê-lo. Diante da rejeição das instruções divinas, “o casal culpado experimentava a sensação do pecado. Sentiam temor pelo futuro, falta de alguma coisa, uma nudez de alma” White (2014, p. 26 e 28).

No encerramento do capítulo 3 de Gênesis, Adão e Eva vivenciam uma transição profunda, tanto psicológica quanto social. Ao comerem o fruto proibido, eles “se tornam semelhantes a Deus, conhecendo o bem e o mal” (Gn 3:22). Simultaneamente, eles percebem que estão nus (Gn 3:7) e sentem vergonha (Gn 3:10), marcando um novo nível de autoconsciência e responsabilidade. Como resultado dessa descoberta, Deus decreta uma nova ordem para a humanidade: Eva enfrentará dores no parto, desejará seu marido e estará subordinada a ele (Gn 3:16), enquanto Adão trabalhará arduamente para obter sustento da “terra amaldiçoada” todos os dias de sua vida (Gn 3:17-18). Quando Deus percebe que o conhecimento recém-adquirido pelos humanos poderia ser usado para comer da árvore da vida e viver para sempre, Ele os expulsa do Éden, enviando-os para “lavar o solo de onde foram tomados” (Gn 3:23).

Nesse ponto, Adão e Eva vivenciam os desafios do estágio de Iniciativa versus Culpa, conforme descrito por Erik Erikson. Esse estágio prepara os indivíduos para a transição à idade adulta, onde se espera que assumam responsabilidades e tomem iniciativas em seus novos papéis. Ao cobrirem a nudez (Gn 3:7) para lidar com a vergonha (Gn 3:10), Adão e Eva demonstram um grau de autocuidado e uma consciência sexual emergente. Assim como uma criança que avança em seu desenvolvimento psicossocial e psicosexual, Adão e Eva são empurrados para enfrentar novas responsabilidades e desafios, em um mundo fora da proteção do Éden.

O Jardim do Éden, um lugar de cuidado e segurança infinitos, era adequado para humanos enquanto permaneciam dependentes, passivos e desprovidos de autoconsciência – como crianças. Porém, com o conhecimento adquirido, eles deixam de ser como crianças. Agora armados com capacidades mentais e habilidades físicas mais desenvolvidas, o Éden já não é mais um lugar apropriado para eles. Assim, Deus age como um pai amoroso, mas firme, no início da infância: renuncia ao cuidado total que caracterizou a vida inicial de Adão e Eva e os impulsiona para o mundo da “produção e procriação” (Erikson, 1964, p. 91), onde devem assumir responsabilidades e encontrar um novo equilíbrio em sua existência fora do Éden. Essa transição marca o fim de um ciclo de dependência e o início da autonomia, essencial para o crescimento e amadurecimento humano (Zhitnik, 2014).

Para Erikson (1994b), nessa etapa do desenvolvimento do ser humano, surgem novas expectativas e responsabilidade em relação à vida, o que geralmente leva a criança a tomar algumas iniciativas próprias para atingir seus objetivos de crescimento pessoal. Porém, nessa etapa a criança deverá ter seus pais como orientadores em suas ações, pois diante de um resultado considerado por ela mesma, ou pelos outros, como, ruim, negativo ou prejudicial a criança poderá ser tomada pela culpa.

Quando a criança, em seu desenvolvimento, busca novas experiências e toma iniciativas, ela se depara com as consequências de suas ações, muitas vezes, gerando um sentimento de culpa. Da mesma forma, Adão e Eva, ao tomarem a iniciativa de desobedecer a Deus, enfrentam a culpa pela transgressão. Esse estágio reflete a tensão entre o desejo de explorar o mundo e o medo das consequências das escolhas feitas.

4.4. Estágio 4 - Indústria versus Inferioridade

No estágio do desenvolvimento denominado Indústria versus Inferioridade, Erikson (1994b) explica que o indivíduo começa a compreender a importância do trabalho para a sobrevivência no mundo. Entretanto, ao iniciar suas primeiras tarefas, pode enfrentar dificuldades que geram frustração e sentimentos de inferioridade. O apoio e o estímulo positivo das pessoas ao seu redor desempenham um papel fundamental para a superação desses desafios, permitindo à criança desenvolver um senso de competência.

Essa perspectiva pode ser relacionada ao relato bíblico da expulsão do Paraíso, que marca uma transição crucial na experiência humana. Após o pecado, Adão e Eva passam a enfrentar o desafio do trabalho, lidando com as dificuldades impostas pela nova realidade. Nesse contexto, pode-se interpretar que ambos foram inseridos no estágio de Indústria versus Inferioridade, sendo desafiados a provar sua competência e a se adaptar a uma vida em que o sustento depende do esforço próprio. A perda da proteção e da abundância do Paraíso pode ter provocado neles um sentimento de inadequação diante da necessidade de sobreviver através do trabalho.

A Bíblia reforça essa ideia ao descrever que, após a queda, o esforço se tornou indispensável para a subsistência da humanidade. Em Gênesis 3:19, está escrito: “Do suor do

teu rosto comerás”, evidenciando que o trabalho árduo passou a ser a condição para a vida terrena. White (2014, p. 30) complementa: “Uma vida de constante trabalho árduo e ansiedade foi designada a Adão, em lugar das atividades felizes que haviam tido até então.” Assim, a transição de um estado de abundância para um cenário de esforço contínuo reflete as dificuldades enfrentadas na fase descrita por Erikson.

Veloso (2002, p. 51) amplia essa discussão ao mencionar que “uma frustração constante no trabalho, uma permanente ausência de sentido e um uso irresponsável dos meios naturais” podem ser consequências desse novo cenário. Da mesma forma, na contemporaneidade, observa-se uma insegurança no trabalho que reflete essa mesma condição descrita na narrativa bíblica. Sennett (1998) argumenta que a incerteza gerada pelas mudanças econômicas e sociais pode enfraquecer o senso de identidade e competência dos trabalhadores, intensificando a vulnerabilidade emocional associada ao labor. Assim, o trabalho, que deveria ser uma atividade reconfortante e estruturante, pode se tornar uma fonte de angústia e desgaste emocional, caso não seja ressignificado positivamente na vida do indivíduo.

Essa análise encontra eco na perspectiva de Marx (1867), que discute a alienação do trabalhador em um sistema econômico que distancia o indivíduo do fruto de seu próprio esforço. Nessa visão, o trabalho, quando corrompido por condições opressivas, pode gerar um sentimento de desconexão e perda de propósito, impactando diretamente a saúde mental e a autoestima do trabalhador. Essa reflexão ressalta a necessidade de ressignificar o papel do trabalho para garantir um equilíbrio emocional e existencial mais saudável.

Por fim, Driver (1904) reforça que, embora o trabalho já existisse antes da queda (Gn 2:15), a penalidade imposta a Adão e Eva consistiu no aumento da laboriosidade e nas decepções frequentes associadas ao esforço necessário para sobreviver. Esse aspecto destaca o peso emocional do trabalho nesse novo contexto, tornando-o um fator determinante na construção da identidade humana e na forma como se encara a existência.

Ao compararmos essa perspectiva com a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson, podemos notar que o estágio de Indústria versus Inferioridade reflete essa mesma necessidade de adaptação e superação de desafios. Assim como na narrativa bíblica, onde Adão e Eva precisaram encontrar significado no trabalho para sobreviver, a criança, nesse estágio do desenvolvimento, deve desenvolver um senso de competência diante das exigências do mundo.

4.5. Estágio 5 - Identidade versus Confusão de Papéis

No estágio do desenvolvimento denominado Identidade versus Confusão de Papéis, Erikson (1971; 1994a) explica que o indivíduo busca compreender seu papel no mundo, iniciando, assim, a construção de sua identidade. No entanto, se ele se encontra em desarmonia interior, isso pode levá-lo a uma crise de identidade. Na narrativa bíblica, esse estágio pode ser observado na experiência de Adão e Eva após sua expulsão do Paraíso. Ao deixarem o Éden, eles perdem a identidade que possuíam como seres perfeitos, enfrentando a necessidade de redefinir seu papel no mundo. Esse processo reflete a questão central da identidade enfrentada por todos os indivíduos ao longo da vida (Erikson, 1971, p. 241).

Com a queda, a humanidade passou a ter dificuldades em manter sua identidade alinhada com a de Deus. Segundo White (2021), o ser humano que não possui seu coração renovado não encontra prazer em manter um relacionamento com Deus, comprometendo sua semelhança com o Criador. A Bíblia reforça essa ideia ao afirmar que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura” (1Co 2:14). A saída do Éden representa uma crise de identidade profunda para Adão e Eva. Fora do Paraíso, eles precisam redefinir seus papéis no mundo. A perda da perfeição e imortalidade gera um vazio

existencial e questionamentos sobre sua verdadeira identidade e propósito. Essa experiência está diretamente relacionada ao estágio de Identidade versus Confusão de Papéis, uma vez que o ser humano, ao enfrentar mudanças bruscas, busca um novo significado para sua existência.

A identidade humana está intrinsecamente ligada à sua criação. O relato bíblico afirma: “E criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gn 1:27). Esse conceito é reforçado por Nunes (2019, p. 24), que argumenta que “a identidade do ser humano está profundamente ligada ao Criador, pois o que Deus é, Ele confere ao ser humano a autoridade de ser”. A teoria de Erikson sustenta que a crise de identidade pode ser resolvida através da exploração e do compromisso com novos papéis e valores. Assim, Adão e Eva, ao enfrentarem a perda de sua identidade original, precisaram ressignificar suas vidas e encontrar um novo propósito. Esse processo reflete o dilema universal da formação da identidade, no qual o indivíduo precisa definir sua posição no mundo.

4.6. Estágio 6 - Intimidade versus Isolamento

No estágio do desenvolvimento denominado Intimidade versus Isolamento, Erikson (1971; 1994b) explica que, ao atingir a fase adulta, o indivíduo busca estabelecer relações íntimas e conexões afetivas mais profundas. Contudo, se evitar o compromisso e optar pelo isolamento, pode comprometer seu desenvolvimento emocional e psicológico.

A dinâmica da relação entre Adão e Eva após a queda ilustra esse dilema. Além das mudanças externas, eles enfrentam transformações internas que afetam sua conexão. A unidade conjugal, antes plena e natural, é agora testada pelas dificuldades e pelas consequências do pecado. No entanto, o vínculo entre eles permanece essencial para a superação dos desafios e para a adaptação à nova realidade.

A Bíblia reforça a necessidade da intimidade ao afirmar: “Portanto, deixará o homem o seu pai e sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne” (Gn 2:24). Esse princípio sugere que a intimidade é um elemento essencial na construção da identidade. Deus cria a mulher para que Adão tenha uma companheira e auxiliadora, evitando o isolamento e promovendo um relacionamento de apoio mútuo. A relação entre Adão e Eva após a queda exemplifica esse conflito entre intimidade e isolamento. Embora compartilhassem um vínculo profundo, estavam agora expostos à vulnerabilidade e às tensões provocadas pela nova realidade. Antes, a união era harmoniosa e isenta de conflitos; agora, era testada pelo caos e pela necessidade de adaptação a um mundo hostil. Como destaca Baumeister (1999), a busca por sentido e pertencimento é um fator determinante na construção da identidade e na superação da solidão.

Baker (2007), argumenta que o pecado afetou profundamente o relacionamento de Adão e Eva, gerando sentimentos de culpa, vergonha e distanciamento emocional. Ele explica que, ao invés de manterem uma relação baseada na confiança e na transparência, ambos passaram a se esconder um do outro e de Deus. Essa transformação na dinâmica do casal reflete um padrão comum nas relações humanas, onde a culpa e a insegurança podem levar ao afastamento e à dificuldade em manter a intimidade.

4.7. Estágio 7 - Generatividade versus Estagnação

Nesse estágio, Erikson (1971, 1994b) explica que a vida adulta é marcada pela necessidade de gerar e contribuir para o futuro. A busca pela generatividade reflete o desejo humano de criar, orientar e influenciar positivamente as próximas gerações, garantindo um

legado duradouro. Quando essa necessidade é frustrada, há um risco de estagnação, levando o indivíduo a um sentimento de vazio.

Na narrativa bíblica, esse estágio pode ser observado com o nascimento dos filhos de Adão e Eva. O relato de Gênesis descreve: “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim” (Gn 4:1). Posteriormente, Eva também deu à luz a Abel, Sete e outros descendentes. O mandamento divino para frutificar e multiplicar-se (Gn 1:28) reforça a responsabilidade dos pais em educar e orientar seus filhos para a vida e a relação com Deus. A teologia bíblica ressalta que a criação de filhos não é apenas um ato biológico, mas também uma missão espiritual. Segundo Wright (2006), a parentalidade no contexto bíblico envolve a transmissão de valores e a preservação da aliança com Deus. Nesse sentido, Adão e Eva representam o primeiro exemplo de pais que, mesmo em um mundo caído, buscaram transmitir princípios e crenças fundamentais aos seus filhos.

A antropologia bíblica moderna também contribui para essa análise. Segundo Walton (2015), a criação de filhos no mundo antigo estava fortemente associada à identidade comunitária e à continuidade da linhagem. O papel dos pais era garantir que seus descendentes preservassem as tradições e os ensinamentos recebidos. Essa perspectiva ressoa com a ideia de generatividade descrita por Erikson, pois a transmissão do conhecimento era essencial para a estabilidade social.

Contudo, o relato de Gênesis também mostra os desafios dessa tarefa. O conflito entre Caim e Abel ilustra como a dinâmica familiar pode ser afetada por questões emocionais e espirituais. Segundo Blocher (2015), a rivalidade entre os irmãos reflete a luta entre a obediência e a rebeldia, um dilema presente em todas as gerações. Essa narrativa enfatiza que a generatividade não ocorre sem desafios e que o papel dos pais é fundamental na orientação dos filhos para uma vida equilibrada e significativa. Dessa forma, o estágio de “Generatividade versus Estagnação” encontra paralelo na experiência de Adão e Eva, que, ao gerarem filhos, enfrentaram as complexidades da parentalidade e da transmissão de valores. Esse ciclo de aprendizado e adaptação reflete a jornada da humanidade em sua busca por significado e contribuição para o futuro.

4.8. Estágio 8 - Integridade versus Desespero

No estágio do desenvolvimento denominado “Integridade versus Desespero”, Erikson (1971; 1994a) explica que a velhice é marcada pela reflexão sobre a vida e as escolhas feitas ao longo dos anos. A integridade emerge quando o indivíduo aceita suas falhas e conquistas, encontrando um sentido profundo em sua trajetória. Por outro lado, aqueles que se sentem insatisfeitos com suas decisões podem experimentar o desespero, o que pode levar à angústia e ao medo da morte.

A narrativa bíblica pode ser analisada à luz desse estágio. Ao final de suas jornadas, ambos tiveram que lidar com as consequências de suas escolhas, especialmente a desobediência no Éden. A experiência de Adão é descrita como profundamente dolorosa: “A sentença de morte pronunciada sobre ele por seu Criador, que a princípio parecia-lhe tão terrível, depois que ele viveu umas centenas de anos, parecia justa e misericordiosa da parte de Deus, pois trazia fim a uma vida miserável” (White, 2014, p. 40).

Segundo Wright (2006), a narrativa bíblica apresenta a velhice como um momento de sabedoria adquirida por meio das experiências vividas, mas também como uma fase de profundo questionamento sobre o propósito da vida. A antropologia bíblica reforça essa ideia ao sugerir que o envelhecimento era visto não apenas como um declínio físico, mas como um período de preparação espiritual para a eternidade (Walton, 2015). Blocher (2015) também

argumenta que a história de Adão e Eva simboliza o dilema universal da humanidade diante do arrependimento e da esperança. O desespero de Adão ao testemunhar a corrupção do mundo reflete o sofrimento do indivíduo que sente o peso de suas decisões. No entanto, a transmissão de valores às próximas gerações pode ser interpretada como um processo de ressignificação, alinhando-se com a integridade descrita por Erikson.

Portanto, a aplicação dos oito estágios de Erikson à narrativa de Adão e Eva ilustra como as questões universais do desenvolvimento humano e estão intrinsecamente ligadas às experiências dos primeiros seres humanos. A análise eriksoniana não apenas ilumina a narrativa bíblica, mas também oferece insights valiosos sobre o processo de formação da identidade e o desenvolvimento psicossocial ao longo da vida.

5. Considerações Finais

Através desta análise, é possível observar como temas universais de desenvolvimento humano podem ser encontrados em narrativas antigas. A teoria de Erikson oferece uma lente rica para compreender os dilemas e desafios enfrentados pelos personagens bíblicos, iluminando as complexidades do desenvolvimento psicossocial e estabelecendo paralelos entre os desafios vividos por Adão e Eva e os enfrentados por cada indivíduo ao longo da vida.

A história de Adão e Eva pode ser vista como uma metáfora para o desenvolvimento humano. Assim como cada indivíduo passa por estágios de desenvolvimento psicossocial, os personagens bíblicos enfrentam desafios que refletem essas etapas. O dilema da confiança e da desconfiança no início da história, seguido pela busca por autonomia e o enfrentamento da vergonha e culpa, são experiências universais no processo de formação da identidade. Segundo Clines (2008), a narrativa de Gênesis reflete não apenas eventos históricos, mas também arquétipos que ressoam com a jornada psicológica e espiritual da humanidade.

Os desafios enfrentados por Adão e Eva após a queda refletem a transição de um estado de harmonia e dependência para um estado de autossuficiência e adaptação às novas condições. Ao serem expulsos do Éden, eles precisam se redefinir e encontrar novos papéis, tanto como indivíduos quanto como casal. Walton (2015) destaca que a saída do Éden simboliza a perda de uma identidade idealizada e a necessidade de reconstrução, algo presente nas transformações e crises enfrentadas ao longo da vida. A narrativa bíblica, portanto, não só ilustra o dilema de Adão e Eva, mas também representa o dilema de todos os indivíduos ao longo da vida, que enfrentam a necessidade de adaptação às mudanças e a busca por significado.

As escolhas feitas por Adão e Eva, especialmente a decisão de desobedecer a Deus, são centrais para a história. Essas escolhas refletem os dilemas enfrentados em cada um dos estágios de Erikson. Cada fase da vida humana traz consigo novas escolhas e desafios, e as respostas a essas decisões têm um impacto duradouro na formação da identidade. Como sugere Wright (2006), a Bíblia apresenta a desobediência como um marco na jornada de crescimento humano, demonstrando que o processo de errar e aprender faz parte da formação da identidade. Assim, a história de Adão e Eva não apenas descreve uma queda espiritual, mas também um processo de crescimento e desenvolvimento psicossocial.

A aplicação da teoria de Erikson à história de Adão e Eva oferece uma nova dimensão interpretativa para a narrativa bíblica. Em vez de ver a queda como um evento puramente espiritual ou moral, podemos compreender a experiência de Adão e Eva como um reflexo das complexidades do desenvolvimento humano. Seus dilemas e suas escolhas refletem os desafios que todos enfrentamos ao longo da vida, desde a infância até a velhice. Segundo McGrath (2020), essa leitura integrada permite que a teologia e a psicologia dialoguem de forma produtiva, ampliando nossa compreensão da experiência humana e da espiritualidade.

A abordagem psicossocial de Erikson aplicada à história de Adão e Eva também abre um diálogo interessante entre psicologia e teologia. A psicologia do desenvolvimento e as questões de identidade, autossuficiência e relações sociais são elementos comuns tanto na teoria eriksoniana quanto na narrativa bíblica. Dessa forma, o estudo da história de Adão e Eva à luz da teoria de Erikson contribui para uma visão mais integral da experiência humana.

A Psicologia Narrativa de Theodore Sarbin se mostra uma abordagem metodológica sofisticada para a análise de narrativas bíblicas, ao enfatizar o papel do contexto, da identidade e da estrutura narrativa na construção do significado. Esse método oferece um novo olhar sobre o texto sagrado, favorecendo um diálogo entre psicologia e teologia e permitindo uma compreensão mais profunda das formas como os indivíduos e sociedades atribuem sentido às suas experiências por meio das histórias.

Referências

ALMEIDA, C. B.; GRUBITS, H. Envelhecimento: visão biopsicossocial. **Longeviver**, v. 5, n. 18, abr.-jun. 2023. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/Dz50r>>. Acesso em: 25 dez 2024.

BARROS, M. C. S. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1991.

BAKER, M. W. **Jesus, the greatest therapist who ever lived**. Nova York: HarperOne, 2007.

BAUMEISTER, R. F. **The self in social psychology**. Nova York: Psychology Press, 1999.

BERZOFF, J. Psychosocial ego development: the theory of Erik Erikson. In: BERZOFF, J.; FLANAGAN, L. M.; HERTZ, P. (Eds.). **Inside out and outside in**. Nova York: Rowman & Littlefield, 2022.

BISHOP, C. L. Psychosocial stages of development. In: KEITH, Kenneth D. (Ed) **The encyclopedia of cross-cultural psychology**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013.

BLOCHER, H. **In the beginning: the opening chapters of Genesis**. Downers Grove: IVP Academic, 2015.

BUSCH, H.; HOFER, J. Self-regulation and milestones of adult development: intimacy and generativity. **Developmental Psychology**, v. 48, n. 1, p. 282-293, 2012. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21928881/>>. Acesso 25 dez. 2024.

CARPIGIANI, B. Erik H. Erikson: teoria do desenvolvimento psicossocial. **Carpsi**. v. 7, ago. 2010. Disponível em: <bit.ly/4bH0BAI>. Acesso em: 25 dez. 2024.

CLINES, D. J. A. **The theme of the Pentateuch**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2008.

DRIVER, S. R. **The book of Genesis: with introduction and notes**. Cambridge: Cambridge University Press, 1904.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1994a.

ERIKSON, E. H. **Identity and the life cycle**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1994b.

ERIKSON, E. H. **Identity: youth and crisis**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1971.

ERIKSON, E. H. **Insight and responsibility**. Nova York: Norton, 1964.

FIEDLER, A. J. C. B. P. O desenvolvimento psicossocial na perspectiva Erik H. Erikson: as oito idades do homem. **Revista Educação**, v. 11, n. 1, p. 78-85, 2016. Disponível em: <bit.ly/43mekdE>. Acesso em: 25 dez 2024.

HALL, C. S. *et al.* **Teorias da personalidade**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

JIANG, R.; WU, M. Child Education Strategies based on Erikson's Theory. **Journal of Education and Educational Research**, v. 4, n. 2, p. 93-94, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9ld3a>. Acesso em: 25 dez 2024.

KELLAND, M. D. **Personality theory in a cultural context**. Dubuque, Iowa: Hunt, 2023. Disponível em: <bit.ly/41pRi2D>. Acesso em: 25 dez 2024.

KNIGHT, Z. G. A proposed model of psychodynamic psychotherapy linked to Erik Erikson's eight stages of psychosocial development. **Clinical psychology & psychotherapy**, v. 24, n. 5, p. 1047-1058, 2017. Disponível em: <bit.ly/4bH1yIV>. Acesso em: 25 dez. 2024.

MARX, K. **Das kapital**. Hamburg: o Verlag von Otto Meissner, 1867.

MCGRATH, A. **Theology: the basics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2020.

NUNES, E. M. Uma abordagem narrativa sobre a identidade humana. In: MILLI, A.; IGLESIAS, L. **Origens: quem você pensa que é?** Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2019.

SILVA, B. R.; FINOCCHIO, A. L. A velhice como marca da atualidade: uma visão psicanalítica. **Vínculo**, v. 8, n. 2, p. 23-30, 2011.

STELLA, C. O impacto do encarceramento materno no desenvolvimento psicossocial dos filhos. **Educere et Educare**, v. 4, n. 8, jul.-dez, p. 99-111, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OQhHn>. Acesso em: 25 dez 2024.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

PEPPER, S. **World Hypotheses: A Study in Evidence**. Berkeley: University of California Press, 1942.

SACCO, R. G. Re-envisaging the eight developmental stages of Erik Erikson. **Journal of Educational and Developmental Psychology**, v. 3, n. 1, p. 140-146, 2013. Disponível em: <bit.ly/3QJ9JdV>. Acesso em: 25 dez 2024.

SANTOS, A. N. *et al.* Análise das vivências de estágio em psicologia numa casa de apoio de saúde mental com foco na abordagem psicossocial de Erik Erikson. **Journal of Medical and Dental Science Research**, v. 9, n. 7, p. 81-87, 2022. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/rmylO>>. Acesso em: 25 dez 2024.

SARBIN, T. R. **Narrative psychology: the storied nature of human conduct**. Nova York: Praeger Publishers, 1986.

SENNETT, R. **The corrosion of character: the personal consequences of work in the new capitalism**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1998.

STAMATO SAVI, M. **A psicologia do desenvolvimento moral: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2021.

SYED, M.; McLean, K. C. Erikson's theory of psychosocial development. In: BRAATEN, Ellen (Eds.). **The SAGE encyclopedia of intellectual and developmental disorders**. Los Angeles: SAGE, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.4135/9781483392271.n178>>. Acesso em: 24 dez 2024.

VELOSO, M. **O homem, pessoa vivente**. Ivatuba, PR: IAP Editora, 2021.

WALTON, J. H. **The lost world of Adam and Eve: Genesis 2-3 and the Human Origins Debate**. Downers Grove: IVP Academic, 2015.

WHITE, E. G. **Caminho a Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

WHITE, E. G. **História da redenção**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WRIGHT, C. J. H. **The mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative**. Downers Grove: IVP Academic, 2006.

ZHITNIK, A. P. Eden and Erikson: psychosocial theory and the garden of Eden. **Journal of Pedagogy, Pluralism, and Practice**, v. 6, n. 1, p. 141-152, 2014. Disponível em: <bit.ly/3QI66Fa>. Acesso em: 25 dez 2024.

CRECIMIENTO INTEGRAL: MÁS ALLÁ DE LOS NÚMEROS

KEBBY RODRIGUEZ¹

Resumen: El crecimiento de la iglesia es un proceso complejo que abarca tanto la expansión numérica como el desarrollo espiritual de los creyentes. La teología de la búsqueda, puede justificar el estancamiento numérico si no se equilibra con un enfoque integral. El verdadero crecimiento, según la Biblia, es obra del Espíritu Santo, y la iglesia debe colaborar con Él para fomentar tanto el aumento de miembros como la formación de discípulos maduros. El mandato de Cristo en Mateo 28:19, “Id, y haced discípulos a todas las naciones”, subraya la importancia de la evangelización y el discipulado como elementos esenciales del crecimiento integral de la iglesia. Para la iglesia del siglo XXI, es crucial recuperar este enfoque, apoyándose en el poder del Espíritu Santo para lograr un crecimiento que no solo se mida por el número de miembros, sino también por la profundidad de la madurez espiritual. Este enfoque integral es clave para que la iglesia cumpla su misión de ser “luz del mundo y sal de la tierra”, impactando a las naciones y glorificando a Dios en todos sus aspectos de crecimiento.

Palabras claves: Crecimiento. Iglesia. Discipulado.

INTEGRAL GROWTH: BUT BEYOND THE NUMBERS

Abstract: Church growth is a complex process that encompasses both numerical expansion and the spiritual development of believers. The theology of seeking can justify numerical stagnation if not balanced with a holistic approach. True growth, according to the Bible, is the work of the Holy Spirit, and the church must cooperate with Him to foster both an increase in members and the formation of mature disciples. Christ’s command in Matthew 28:19, “Go and make disciples of all nations,” highlights the importance of evangelism and discipleship as essential elements of the church’s holistic growth. For the 21st-century church, it is crucial to recover this approach, relying on the power of the Holy Spirit to achieve growth that is measured not only

¹ Professor de Teologia na Universidade Peruana Unión (UPeU). Doutorando em Teologia Bíblica e Missiologia (UPeU). Contato:

by the number of members but also by the depth of spiritual maturity. This comprehensive approach is key for the church to fulfill its mission of being “the light of the world and the salt of the earth,” impacting nations and glorifying God in all aspects of its growth.

Keywords: Growth. Church. Discipleship.

1. Introducción

El crecimiento de la iglesia ha sido un tema central en la teología cristiana desde los primeros días del cristianismo². A lo largo de la historia, la expansión de la iglesia ha sido vista como una manifestación del cumplimiento de la Gran Comisión, pero la naturaleza de ese crecimiento ha sido interpretada de diversas maneras. En el contexto contemporáneo, en un mundo cada vez más secularizado y culturalmente diverso, es esencial reevaluar cómo se entiende el crecimiento de la iglesia y cómo este se alinea con los principios bíblicos. Esta investigación propone una teología integral del crecimiento eclesial, que no se limite a los números, sino que incluya también el crecimiento en calidad, es decir, en la madurez espiritual, el discipulado y la formación cristiana.

El propósito de este artículo es ofrecer una reflexión teológica sobre el crecimiento de la iglesia, integrando la dimensión cuantitativa (el aumento numérico de miembros) con la cualitativa (la profundización en la fe, el discipulado y la vida espiritual de los creyentes). A lo largo de este estudio, exploraremos los fundamentos bíblicos, el desarrollo histórico de la misión de la iglesia y algunos modelos contemporáneos de crecimiento. Nuestro objetivo es demostrar que un enfoque que integre ambos aspectos del crecimiento no solo es bíblicamente coherente, sino también necesario para que la iglesia cumpla su misión en el mundo actual.

Desde una perspectiva bíblica, el crecimiento de la iglesia en el libro de los Hechos es una referencia esencial. El libro de Hechos nos dice que “los que recibieron su palabra fueron bautizados; y se añadieron aquel día como tres mil personas”, y más adelante se menciona que “crecía la palabra del Señor, y el número de los discípulos se multiplicaba grandemente” (Hechos 6:7). Estos pasajes muestran un crecimiento importante en términos numéricos, pero también apuntan a una comunidad que estaba comprometida con el discipulado y la enseñanza, como se observa en el siguiente texto: “Y perseveraban en la doctrina de los apóstoles, en la comunión unos con otros, en el partimiento del pan y en las oraciones” (Hechos 2:42). Así, el crecimiento numérico y espiritual están entrelazados en la experiencia de la iglesia primitiva.

En la historia reciente de la teología del crecimiento eclesial, uno de los aportes más relevantes ha sido el enfoque presentado por Donald McGavran,³ quien debatió críticamente el concepto de la “teología de la búsqueda”, la cual sostiene que el propósito de la iglesia debe centrarse en la búsqueda de las almas perdidas, sin preocuparse excesivamente por los

² En Hechos 2:47, Lucas escribió: “Alabando a Dios y teniendo favor con todo el pueblo. Y el Señor añadía cada día a la iglesia los que habían de ser salvos.” Este versículo muestra cómo el crecimiento de la iglesia fue un acto continuo impulsado tanto por la obra de Dios como por la comunidad de creyentes, lo que refleja su centralidad en la teología y la práctica cristiana desde los primeros días del cristianismo.

³ Donald A. McGavran (1897-1990) fue un misionero y teólogo estadounidense, conocido como el padre del movimiento de crecimiento de iglesias. Fue fundador del “*Institute for Church Growth*” en 1961, McGavran fue pionero en la enseñanza sobre cómo las iglesias pueden crecer numéricamente, haciendo énfasis en el estudio sociológico y cultural de las comunidades para facilitar la expansión del evangelio. Su obra más influyente, *Understanding Church Growth*, ha sido clave en la reflexión sobre las estrategias de crecimiento eclesial a nivel mundial y es el libro que abordaremos en el presente artículo.

resultados numéricos inmediatos. Según este enfoque, el éxito de la misión no se mide en el número de conversiones, sino en el esfuerzo constante de sembrar el evangelio.

Esta investigación busca proponer una teología del crecimiento integral que sea aplicable a la iglesia en general. A través de un análisis riguroso de los textos bíblicos y una reflexión sobre las dinámicas históricas del crecimiento eclesial, este trabajo ofrece una propuesta que equilibre el crecimiento numérico con la profundización espiritual. El estudio examina cómo el énfasis exclusivo en los números puede llevar a una superficialidad en la vida espiritual de los creyentes, mientras que un enfoque puramente cualitativo puede resultar en un estancamiento misionero.

2. Crecimiento Numérico en la IASD en Sudamérica

2.1. Crecimiento Numérico de la Iglesia Adventista entre el 2011 y 2021

La Iglesia Adventista del Séptimo Día (IASD) en Sudamérica ha experimentado un crecimiento significativo en las últimas décadas, un fenómeno que merece un análisis exhaustivo. Este crecimiento se refleja en las estadísticas oficiales del *Office of Archives, Statistics, and Research (Adventist Archives)*,⁴ que nos brindan una visión cuantitativa de la evolución de la membresía adventista en la región. Al examinar el período comprendido entre 2011 y 2021, observamos que la membresía adventista pasó de 2,064,743 en 2011 a 2,568,560 en 2021. Este aumento representa un incremento absoluto de 503,817 personas en el transcurso de diez años. A primera vista, medio millón de nuevos conversos en una década de actividad misionera podría parecer un indicador alentador del impacto evangelístico de la iglesia. No obstante lo anterior, es crucial considerar este crecimiento en un marco temporal más extenso.

En las Sagradas Escrituras, el crecimiento de la iglesia se presenta como una obra divina. Hechos nos dice que “el Señor añadía cada día a la iglesia los que habían de ser salvos” (Hechos 2:47), lo que indica que el crecimiento espiritual y numérico es, en última instancia, obra de Dios. Pero en contraste con el modelo de crecimiento exponencial descrito en Hechos 2, donde se menciona que “los que recibieron su palabra fueron bautizados; y se añadieron aquel día como tres mil personas” (Hechos 2:41), la realidad del crecimiento adventista en Sudamérica parece ser más modesta. Pasar de un reducido grupo de discípulos a una afluencia masiva de miles en un solo día es un incremento significativo.

Un aspecto que merece atención es el análisis de los nuevos ingresos en relación con las pérdidas experimentadas durante esa década. Según los datos proporcionados por *Adventist Archives*, el año 2011 se cerró con un decrecimiento, reportando una pérdida neta de 26,971 miembros. Este inicio desafiante fue seguido por un crecimiento en los años siguientes, alcanzando su punto máximo en 2012 con 121,596 nuevos miembros. De cualquier modo, la tendencia se tornó preocupante al llegar al año 2021, que reportó un crecimiento de apenas 359 personas, lo que equivale a un incremento de solo 0.01%. Esta cifra es notablemente

⁴ *Adventist Archives* fue establecido en 2001 como un recurso en línea para quienes buscan información relacionada con la historia, documentos oficiales, estadísticas y directorios adventistas del séptimo día. En más de una década de existencia, ha recibido a cientos de miles de visitantes y es un recurso importante que contiene información oficial sobre la Iglesia Adventista. Consultado el 24 de enero de 2025, https://adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldID=D_SAD&Year=2011&submit=Change#AnnualStats

pequeña, sin embargo, hay un factor importante que pudo haber influido, y fue la pandemia del COVID-19.

En consecuencia, el promedio de crecimiento del adventismo en Sudamérica entre 2011 y 2023 se establece en un modesto 2.03%, una tasa que, aunque positiva, suscita reflexiones más profundas sobre la vitalidad de la iglesia en un contexto de cambios socioculturales acelerados. Para comprender mejor esta realidad, es pertinente comparar el crecimiento de la membresía adventista con el crecimiento poblacional en Sudamérica.

Según datos de *Statista*,⁵ la población de América del Sur ascendió de 405.87 millones en 2014 a 431.09 millones en 2021, lo que representa un aumento de 25.22 millones de personas en solo siete años. En contraste, mientras que el adventismo registró un crecimiento de medio millón de miembros en diez años, la población sudamericana creció significativamente en un período más corto. Este contraste resalta una reflexión fundamental: si bien la Iglesia Adventista del Séptimo Día ha logrado atraer a nuevos conversos, ¿es satisfactorio este crecimiento cuantitativo en comparación con el contexto demográfico más amplio?

La Biblia nos recuerda en Mateo la gran comisión que Jesús dio a sus discípulos: “Por tanto, id y haced discípulos a todas las naciones, bautizándolos en el nombre del Padre, y del Hijo, y del Espíritu Santo” (Mateo 28:19-20). Esta misión es un llamado a la expansión del evangelio y, por lo tanto, a un crecimiento que trascienda lo numérico. No obstante, surgen las preguntas: ¿cómo se puede incrementar la tasa de crecimiento? ¿Qué pasos podrían considerarse con miras a experimentar la clase de crecimiento descrito en el libro de Hechos?

Las Sagradas Escrituras enfatizan la importancia de la conversión genuina y el discipulado a largo plazo. En el evangelio de Juan, Jesús dice: “Yo soy la vid, vosotros los pámpanos; el que permanece en mí, y yo en él, éste lleva mucho fruto; porque separados de mí nada podéis hacer” (Juan 15:5). Este versículo no solo subraya la necesidad de estar en comunión con Cristo para un crecimiento espiritual fructífero, sino que también nos invita a considerar si el crecimiento de la iglesia está enraizado en una relación profunda y transformadora con Dios.

Aunque hay un crecimiento cuantitativo en la IASD en Sudamérica, su magnitud es pequeña en comparación con el crecimiento demográfico de la región. Esto plantea importantes reflexiones sobre la efectividad de la evangelización y la urgencia de una revitalización en las estrategias de crecimiento,⁶ siempre alineadas con los principios bíblicos de discipulado y crecimiento espiritual con Dios. La tarea de hacer discípulos y propagar el mensaje del evangelio no es solo una cuestión de números, sino un llamado a vivir y compartir la fe de manera auténtica y transformadora.

El crecimiento registrado en la última década contrasta con el ideal bíblico de un crecimiento más dinámico y profundo, como se observa en los primeros capítulos del libro de Hechos. Este desajuste entre el crecimiento numérico actual y los principios de expansión rápida de la iglesia primitiva nos lleva a reflexionar sobre los modelos que han influido en la estrategia misionera adventista contemporánea. A continuación, revisaremos brevemente las ideas de Donald McGavran, cuyas teorías sobre el crecimiento de la iglesia han jugado un papel crucial en cómo las iglesias protestantes, incluyendo el adventismo, han entendido este tema. Desarrollo del concepto de crecimiento numérico.

⁵ *Statista* es una plataforma global de datos e inteligencia empresarial con una amplia colección de informes, estadísticas e información fundada en Alemania en 2007. Consultado el 26 de enero de 2025, <https://es.statista.com/estadisticas/1067800/poblacion-total-de-america-latina-y-el-caribe-por-subregion/>.

⁶ Al respecto de estrategias de crecimiento, recomiendo el libro *Beyond Church Growth* (Logan, 1989).

A medida que la iglesia ha buscado cumplir con el mandato de la Gran Comisión, se ha visto impulsada a medir su efectividad en términos numéricos, es decir, en el número de miembros y bautismos. Este enfoque tiene su principal referente en Donald McGavran, cuya obra ha influenciado poderosamente el cristianismo moderno. McGavran ha sido una figura central en la teología del crecimiento de las iglesias protestantes. Su trabajo⁷ ha puesto de relieve la necesidad de adoptar estrategias que propicien el crecimiento numérico,⁸ argumentando que este crecimiento es una manifestación del cumplimiento del mandato cristiano de predicar al mundo entero.

2.2. Perspectivas Históricas sobre el Crecimiento Numérico

Desde los primeros días del cristianismo, el crecimiento numérico ha sido un indicador clave del éxito de la misión. En el libro de los Hechos de los Apóstoles, se documenta el crecimiento de la comunidad cristiana en Jerusalén, donde miles de personas fueron añadidas a la iglesia en un corto período. Este crecimiento fue el resultado de una combinación de factores, incluyendo la predicación efectiva, la vida de comunidad entre los creyentes, y el poder del testimonio personal. McGavran, al analizar estos eventos, argumenta que la capacidad de la iglesia para crecer está intrínsecamente ligada a su misión de alcanzar a las personas que no conocen a Cristo. Para él, el crecimiento numérico no es solo un resultado deseado, sino un mandato divino que debe ser perseguido. En sus propias palabras: "La tarea suprema de hoy es la multiplicación efectiva de iglesias en las sociedades receptivas de la Tierra" (McGavran, 1990, p. 31).

Sin embargo, la evolución del cristianismo ha visto diferentes enfoques respecto a este crecimiento. Algunos grupos han priorizado el crecimiento espiritual sobre el numérico, argumentando que un enfoque en números puede llevar a la superficialidad y a la falta de profundidad en la fe. Esta tensión ha llevado a debates sobre la naturaleza del crecimiento de la iglesia: ¿debería ser cuantitativo o cualitativo? ¿Existe hoy, entre las iglesias protestantes, una tendencia hacia un enfoque más numérico, valorando las estadísticas de bautismos y membresías como indicadores de salud espiritual?

Después de todo, según Donald McGavran, los conceptos relacionados con el crecimiento de la iglesia han surgido en un contexto interdenominacional, lo que implica que estas ideas no son exclusivas de una sola denominación protestante. En su análisis señala que "el crecimiento de la iglesia ha nacido en un ambiente interdenominacional y ha sido enseñado a misioneros y pastores de muchas posturas teológicas".⁹ Esta cita destaca la verdad de que hay un enfoque colaborativo y ecuménico en el desarrollo de estrategias y prácticas de crecimiento, donde

⁷ Donald McGavran ha contribuido significativamente al estudio del crecimiento de la iglesia a través de varios títulos influyentes, entre los cuales destacan: *The Bridges of God: A Study in the Strategy of Missions*; *Understanding Church Growth*; *Church Growth and the Whole Gospel: A Biblical Mandate*; *The Nature of the Church*; *Transforming Church: How to Get Your Church from Where It Is to Where God Wants It to Be*; *The Church Growth Movement: A Critical Appraisal*; *The Ten Criteria for Church Growth: A New Paradigm for Congregational Development*; *Church Growth: Strategies that Work*; *The Aims of Church Growth: A Theological Reflection*; y *Church Growth and Evangelism*. Estos textos no solo analizan estrategias de crecimiento, también exploran las implicaciones teológicas y prácticas del crecimiento eclesial en el contexto contemporáneo.

⁸ Del crecimiento numérico también se ha ocupado Peter Wagner en su libro *Strategies For The Church Growth* (Wagner, 1987).

⁹ "Pero dado que el crecimiento de la iglesia ha nacido en un ambiente interdenominacional y se ha enseñado a misioneros y pastores de muchas corrientes teológicas" (McGavran, 1980, p. 8).

diversas tradiciones cristianas han contribuido y participado en la formulación de estos conceptos.

La obra de McGavran es fundamental para entender este fenómeno. Su afirmación de que el crecimiento numérico es un objetivo que debe ser perseguido ha resonado en muchas congregaciones protestantes, donde se ha visto como un imperativo teológico. Algunos ejemplos destacados son denominaciones como la “Iglesia de Evangelio Pleno de Yoido”¹⁰ en Corea del Sur, la Iglesia Saddleback¹¹ en Estados Unidos; la Iglesia de Cristo Universal¹² en Filipinas, entre otras.¹³

3. Impacto del Crecimiento Numérico en la Iglesia Adventista

El crecimiento numérico también ha tenido un impacto significativo en la cultura de la iglesia adventista. La intensión por aumentar las estadísticas ha llevado a un enfoque en la eficiencia y la efectividad de los programas de evangelismo. Las congregaciones han sido impulsadas a innovar en sus métodos de alcance, buscando constantemente nuevas formas de atraer a los no creyentes. Este fenómeno ha llevado a un cambio en la forma en que la IASD se presenta a sí misma en la comunidad, enfatizando la importancia de la hospitalidad, la inclusión y el servicio comunitario como estrategias para atraer a nuevos miembros.

Por otra parte, este enfoque también plantea desafíos. La búsqueda constante de crecimiento numérico puede conducir a un agotamiento entre los líderes de la iglesia, quienes pueden sentir la presión de cumplir con las expectativas de crecimiento. Además, puede generar una mentalidad competitiva entre las congregaciones, donde el éxito se mide en términos de números, en lugar del impacto espiritual. Esto nos lleva a un llamado a reexaminar el enfoque hacia el crecimiento, buscando un equilibrio entre la búsqueda de números y el desarrollo de una comunidad de fe sólida y comprometida. Otra reflexión importante es si el crecimiento numérico es un mandato que debe ser alcanzado o si es una bendición divina que Dios otorga cuando su iglesia cumple fielmente su voluntad. Estas ideas están implícitas en las frases: “el crecimiento lo da Dios” (1 Corintios 3:7) y “el Señor añadía cada día los que iban a ser salvos” (Hechos 2:47). Al unir ambos conceptos puede decirse que Dios es el que da el crecimiento cuando su iglesia lo procura siguiendo sus instrucciones.

3.1. Más Allá de los Números

El crecimiento de la iglesia es un tema recurrente en las discusiones teológicas, y a menudo se lo aborda desde una perspectiva numérica. Sin embargo, este enfoque puede resultar insuficiente si no consideramos los aspectos cualitativos que subyacen a la verdadera

¹⁰ Es una iglesia pentecostal, conocida como la más grande del mundo, que ha crecido considerablemente utilizando estrategias de células y evangelización masiva.

¹¹ Esta iglesia está liderada por Rick Warren, autor de *Una vida con propósito*, que ha utilizado un enfoque basado en el crecimiento numérico y en programas de discipulado estructurado.

¹² Iglesia con un enfoque misionero que ha experimentado un crecimiento rápido en términos numéricos a través de campañas evangelísticas masivas.

¹³ Otras iglesias pueden ser la *Iglesia Lakewood* de Estados Unidos, que bajo la dirección de Joel Osteen, han experimentado un crecimiento numérico significativo utilizando un enfoque basado en la prosperidad y una forma accesible de predicación. También *Hillsong Church* en Australia, famosa por su música de adoración, ha crecido numéricamente en todo el mundo utilizando la expansión de campus y ministerios orientados a los jóvenes. La Iglesia Bautista del Sur en Estados Unidos históricamente ha utilizado un enfoque en la evangelización y el crecimiento numérico, especialmente a través de programas como el Plan Cooperativo.

naturaleza del crecimiento espiritual. En este sentido, es fundamental realizar un análisis exhaustivo de los fundamentos bíblicos que nos permiten entender el crecimiento de la iglesia en toda su complejidad. A través de textos bíblicos como Hechos 2 y Efesios 4, podemos observar cómo el crecimiento no solo se mide en números, sino también en la calidad de la fe, el discipulado y la obra del Espíritu Santo.

3.2. Fundamentos Bíblicos del Crecimiento de Iglesia

El crecimiento de la iglesia, tal como se describe en las Sagradas Escrituras, va más allá del simple conteo de nuevos conversos. En Hechos se nos presenta un modelo de iglesia que crece en número, pero que también se caracteriza por la comunión, la enseñanza y la adoración. Este pasaje dice: “Así que, los que recibieron su palabra fueron bautizados; y se añadieron aquel día como tres mil personas. Y perseveraban en la doctrina de los apóstoles, en la comunión unos con otros, en el partimiento del pan y en las oraciones” (Hechos 2:41-47). Aquí, el crecimiento numérico es innegable, pero la verdadera esencia de este crecimiento radica en la profundización de la vida comunitaria y espiritual de los creyentes.

Según una lectura cuidadosa del Nuevo Testamento, la calidad de la fe es igualmente importante. En Efesios 4, Pablo escribe sobre los ministerios dados a la iglesia con el propósito de equipar a los santos: “Y él mismo constituyó a unos, apóstoles; a otros, profetas; a otros, evangelistas; a otros, pastores y maestros, a fin de perfeccionar a los santos para la obra del ministerio, para la edificación del cuerpo de Cristo” (Efesios 4:11-16). Este texto nos indica la importancia del discipulado y la formación continua de los creyentes. El crecimiento espiritual no se limita a atraer nuevos miembros, sino que implica el fortalecimiento de la fe de todos los creyentes, ayudándolos a alcanzar la madurez en Cristo.

En este contexto, al momento de medir el crecimiento eclesiástico, debemos considerar la calidad de la enseñanza y el discipulado dentro de la iglesia. El enfoque en la formación de discípulos es fundamental. La Gran Comisión, como se menciona en el evangelio según Mateo, nos llama a “hacer discípulos a todas las naciones” (Mateo 28:19). Esto implica no solo la conversión, sino también la enseñanza y la preparación en la fe. “Bautizándolos en el nombre del Padre, y del Hijo, y del Espíritu Santo; enseñándoles que guarden todas las cosas que os he mandado” (Mateo 28:20). Aquí, la enseñanza y el discipulado se convierten en piedras angulares del crecimiento de la iglesia.

3.3. El Discipulado en el Crecimiento

El discipulado es un pilar esencial del crecimiento espiritual y, como tal, debe ser considerado en cualquier análisis sobre el crecimiento de la iglesia. No se trata solo de aumentar la membresía, sino de cultivar una comunidad de creyentes que vivan activamente su fe. En su carta a Timoteo, el apóstol Pablo le instruyó: “Y lo que has oído de mí ante muchos testigos, eso encarga a hombres fieles que sean idóneos para enseñar también a otros” (2 Timoteo 2:2). Este mandato del apóstol Pablo resalta la importancia de la formación de líderes y la transmisión de la fe de generación en generación. Esta es una acción de discipulado.

El discipulado se basa en relaciones. Jesucristo modeló este enfoque al seleccionar a sus discípulos y caminar con ellos. En Marcos leemos que Jesús “designó a doce, para que estuvieran con él y para enviarlos a predicar” (Marcos 3:14). La intención aquí es clara: el crecimiento espiritual ocurre en el contexto de relaciones cercanas y significativas. La vida de los discípulos

se transforma no solo a través de la enseñanza, sino también a través de la experiencia compartida con Jesús.

En oposición a la perspectiva de crecimiento numérico de McGavran, que se centra en la cantidad de conversiones, los textos seleccionados enfatizan la calidad en el discipulado. El crecimiento auténtico se manifiesta en la vida transformada de los creyentes, en su amor, servicio y compromiso con la misión de Dios. En Gálatas se describe el fruto del Espíritu como “amor, gozo, paz, paciencia, benignidad, bondad, fe, mansedumbre, templanza” (Gálatas 5:22-23). Este fruto, el amor y sus características, es un indicativo del crecimiento espiritual que se produce cuando los creyentes son verdaderamente discipulados.

Además, el crecimiento de la iglesia debe considerarse dentro del contexto de la comunidad. El apóstol Pablo utiliza la metáfora del cuerpo para describir cómo cada miembro tiene un papel vital para desempeñar: “Porque así como el cuerpo es uno, y tiene muchos miembros, pero todos los miembros del cuerpo, siendo muchos, son un solo cuerpo, así también Cristo” (1 Corintios 12:12-14). Esta imagen demuestra la importancia de cada creyente en el crecimiento de la iglesia, enfatizando que cada uno contribuye a la edificación del cuerpo de Cristo. Por tanto, también se trata de un crecimiento comunitario.

3.4. El Rol del Espíritu Santo en el Crecimiento

El verdadero crecimiento de la iglesia está impulsado por el Espíritu Santo, quien juega un papel fundamental tanto en el aumento numérico como en la madurez espiritual de los creyentes. Jesús prometió a sus discípulos: “Pero recibiréis poder, cuando haya venido sobre vosotros el Espíritu Santo; y me seréis testigos en Jerusalén, en toda Judea, en Samaria, y hasta lo último de la tierra” (Hechos 1:8). Esta promesa establece una conexión entre la obra del Espíritu y el testimonio de la iglesia. El crecimiento no es simplemente un esfuerzo humano, sino una obra divina.

En el contexto de la iglesia primitiva, el Espíritu Santo fue el motor que impulsó el crecimiento y la expansión del mensaje del Evangelio. En el libro de Hechos, después de la venida del Espíritu Santo en Pentecostés, Pedro predicó y tres mil personas fueron añadidas a la iglesia. Este evento destacó el poder del Espíritu Santo para transformar vidas y multiplicar la iglesia. La obra del Espíritu Santo no solo se limitó al crecimiento numérico; también fue esencial para la edificación espiritual de la comunidad de creyentes.

El rol del Espíritu Santo en el crecimiento se extiende a la obra de convicción y regeneración en la vida de cada creyente. Jesús dijo: “Y cuando él venga, convencerá al mundo de pecado, de justicia y de juicio” (Juan 16:8). Esta convicción que proviene del Espíritu Santo es un paso esencial en el proceso de conversión y crecimiento espiritual. También el apóstol Pablo escribió: “Y si el Espíritu de Aquel que levantó de los muertos a Jesús mora en vosotros, el que levantó de los muertos a Cristo Jesús, vivificará también vuestros cuerpos mortales por su Espíritu que mora en vosotros” (Romanos 8:11). Aquí, el apóstol subraya que la vida espiritual de los creyentes es una obra del Espíritu Santo, que da vida y poder a los que creen.

De igual manera es esencial reconocer que el Espíritu Santo otorga diversos dones a los creyentes para la edificación del cuerpo de Cristo. Pablo escribió a la iglesia cristiana en Corinto: “Ahora bien, hay diversidad de dones, pero el Espíritu es el mismo. Y hay diversidad de ministerios, pero el Señor es el mismo. Y hay diversidad de operaciones, pero Dios, que hace todas las cosas en todos, es el mismo” (1 Corintios 12:4-7). Estos dones no son solo para beneficio personal, sino para el crecimiento y fortalecimiento de la iglesia. La obra del Espíritu Santo es integral para el crecimiento tanto en cantidad como en calidad.

De esta forma, el crecimiento de la iglesia es un tema que requiere una comprensión multidimensional que no se limita a la cantidad de miembros. A través de un análisis bíblico, es evidente que el crecimiento se manifiesta no solo en términos numéricos, sino también en la calidad de la fe, el discipulado y la obra del Espíritu Santo. La iglesia debe enfocar sus esfuerzos no solo en atraer a nuevos conversos, sino también en nutrir y fortalecer la vida espiritual de todos sus miembros. El discipulado, basado en relaciones y en la enseñanza de la Palabra, es fundamental para el crecimiento espiritual. Al mismo tiempo es crucial reconocer la obra del Espíritu Santo, quien impulsa tanto el aumento numérico como la madurez espiritual de la comunidad de creyentes. Solo así la iglesia podrá experimentar un crecimiento auténtico y duradero que refleje la misión de Cristo en el mundo.

4. La Teología de la Búsqueda

El concepto de la teología de la búsqueda surgió como una respuesta a la complejidad del contexto misionero a lo largo de los siglos. Esta teología fue desarrollada en un momento en el que el cristianismo enfrentaba desafíos tanto en las tierras extranjeras donde se enviaban misioneros como dentro de las mismas denominaciones que, por diversas razones,¹⁴ comenzaban a cuestionar el éxito numérico de sus esfuerzos evangelizadores. Según McGavran, la teología de la búsqueda se desarrolló en un ambiente interdenominacional (McGavran, 1980, p. 8), proporcionando a los misioneros y pastores una justificación teológica para sus esfuerzos, independientemente de los resultados numéricos que lograran. McGavran (1980, p. 24) explica que esta teología “sostiene que en el evangelismo lo esencial no es el hallazgo, sino ir a todas partes y predicar el evangelio”.¹⁵

4.1. Orígenes y Desarrollo de la Teología de la Búsqueda

La teología de la búsqueda nace en un contexto de hostilidad hacia la misión cristiana en tierras extranjeras. McGavran describe cómo el cristianismo fue percibido como un instrumento del imperialismo occidental, lo que llevó a la resistencia tanto de las culturas locales como de los intereses comerciales que temían que los misioneros afectaran sus negocios. En respuesta a estos desafíos, la teología de la búsqueda se desarrolló como una justificación teológica que subrayaba que la búsqueda en sí misma, más que los resultados numéricos, era lo más importante. Esta teología “negó enérgicamente que los resultados tuvieran algo que ver con la misión. La búsqueda era la voluntad de Dios”.¹⁶

De este modo, McGavran sostiene que a lo largo de los años las denominaciones cristianas que se dedicaron a las misiones extranjeras adoptaron esta teología como una manera de justificar su trabajo, incluso cuando los resultados en términos de cantidad de

¹⁴ De los principios de crecimiento de iglesia también se ha ocupado Kirk Hadaway en el libro *Church Growth Principles* (Hadaway, 1991).

¹⁵ La cita completa es: “Sin embargo, en este momento crítico muchos cristianos están firmemente comprometidos con una teología de la siembra, que también podría llamarse una teología de la búsqueda. Surgió en la antigua y más desalentadora era de las misiones. Sostiene que, en la evangelización, lo esencial no es encontrar, sino ir por todas partes y predicar el evangelio – para lo cual existe una excelente autoridad bíblica” (McGavran, 1980, p. 24).

¹⁶ Donald McGavran (1980, p. 26) lo describe en estos términos: “La teología de la búsqueda surgió cuando la iglesia, en muchos campos, enfrentaba un crecimiento muy pequeño en el número de miembros. Tuvo que encontrar una justificación para su existencia y continuidad que no dependiera del número de conversos. En tales circunstancias, acogió una teología de la misión que proclamaba que ‘solo buscar’ era el mandato de Dios. Los resultados no debían utilizarse para evaluar el éxito o el fracaso.”

conversiones eran limitados. La justificación teológica fue necesaria para dar sentido a un trabajo que, desde una perspectiva numérica, parecía infructuoso. En muchos casos, la misión cristiana se enfrentaba a un crecimiento muy pequeño en la membresía, lo que llevó a los líderes a desarrollar una teología que justificara su trabajo basándose no en los resultados, sino en el proceso mismo de búsqueda.¹⁷

4.2. La Teología de la Búsqueda y el Crecimiento Numérico

De esta manera, un aspecto fundamental de la teología de la búsqueda es su énfasis en la acción evangelizadora sin considerar los resultados numéricos. McGavran asegura que las personas que evangelizan poblaciones indiferentes o resistentes generalmente defienden una teología de la búsqueda. Este enfoque contrasta con las posturas que valoran el crecimiento numérico como una señal de éxito. Sin embargo, McGavran señala que a menudo el éxito numérico es desestimado por aquellos que sostienen la teología de la búsqueda, argumentando que una iglesia que, durante cincuenta años, lleva a cincuenta almas a los pies de Cristo es tan agradable a Dios como una que gana cincuenta mil en el mismo período.

En este contexto, el debate sobre el crecimiento numérico de la iglesia se intensifica. Los defensores de la teología de la búsqueda enfatizan que el mandato bíblico no está basado en la cantidad de almas ganadas, sino en la fidelidad a la misión de predicar el evangelio.

4.3. Fundamentos Bíblicos de la Búsqueda y la Evangelización

La biblia proporciona numerosos textos que pueden interpretarse a favor de la teología de la búsqueda, donde el enfoque está en la predicación del evangelio más que en los resultados visibles inmediatos. Uno de los pasajes clave está en Mateo: “Por tanto, id, y haced discípulos a todas las naciones, bautizándolos en el nombre del Padre, y del Hijo, y del Espíritu Santo; enseñándoles que guarden todas las cosas que os he mandado; y he aquí yo estoy con vosotros todos los días, hasta el fin del mundo” (Mateo 28:19-20). Este mandato de Cristo a sus discípulos establece la importancia de la evangelización global, pero no menciona nada sobre el número de conversiones que deben esperarse, lo cual refuerza la idea de que la búsqueda en sí misma es una parte vital de la misión cristiana.

Otro pasaje relevante está en Marcos: “Y les dijo: Id por todo el mundo y predicad el evangelio a toda criatura” (Marcos 16:15). Una vez más, el énfasis está en la acción de predicar, sin referencia directa a los resultados numéricos. Esto sugiere que el éxito de la evangelización no debe medirse simplemente por cuántas personas se convierten, sino por la fidelidad al mandato de llevar el mensaje del evangelio a todas partes.

La teología de la búsqueda encuentra un paralelo con el concepto bíblico de sembrar la semilla del evangelio, independientemente de los resultados visibles inmediatos. En la parábola del sembrador Jesús explica cómo el sembrador salió a sembrar su semilla, y aunque parte de la semilla cayó en terrenos rocosos o entre espinos, otras cayeron en buena tierra y dieron fruto (Lucas 8:5-8). La enseñanza central de esta parábola es que el sembrador debe sembrar la semilla sin preocuparse por dónde caerá, porque el crecimiento no está bajo su control directo,

¹⁷ Para McGavran (1980, p. 26) la teología de la búsqueda atacó ferozmente cualquier énfasis en los resultados: “La teología de la búsqueda atacó con vehemencia cualquier énfasis en los resultados. Los escritores misioneros competían entre sí para menospreciar los simples números. Los pastores que salían a buscar las ovejas perdidas se reunían en la puerta para anunciar que no tenían la intención de notar, en particular, cuántas habían sido halladas.”

sino bajo la providencia divina. Este aspecto es muy importante pues centra el crecimiento en Dios, el agente humano hace su parte, pero el crecimiento proviene de Dios.

Este mismo principio se refleja en los escritos del apóstol Pablo: “Yo planté, Apolos regó; pero el crecimiento lo ha dado Dios. Así que ni el que planta es algo, ni el que riega, sino Dios, que da el crecimiento” (1 Corintios 3:6-7). Este pasaje subraya que el éxito en la evangelización no está en manos de los misioneros o predicadores, sino en manos de Dios, quien determina el crecimiento. La teología de la búsqueda, por tanto, se alinea con esta visión bíblica de que la misión de los cristianos es sembrar y regar, pero no controlar el crecimiento.

4.4. Críticas a la Teología de la Búsqueda

A pesar de su fundamento bíblico, la teología de la búsqueda ha sido objeto de críticas por su énfasis en la evangelización sin un enfoque en los resultados numéricos. Algunos teólogos argumentan que este enfoque puede llevar a una falta de intencionalidad en los esfuerzos misioneros. Según McGavran, los defensores de esta teología a menudo atacan cualquier énfasis en los resultados, sugiriendo que los números son irrelevantes para la evaluación del éxito misionero. McGavran describe cómo los pastores que adoptan esta postura afirman que no prestan atención a cuántas ovejas perdidas encuentran, lo que ha llevado a una crítica de que esta postura puede fomentar una falta de responsabilidad y de planificación estratégica en la evangelización.

No obstante desde una perspectiva bíblica, la preocupación por los resultados numéricos no debe ser descartada completamente. El libro de Hechos ofrece varios ejemplos de crecimiento numérico como señal de la obra del Espíritu Santo. Por ejemplo se menciona que “así que, los que recibieron su palabra fueron bautizados; y se añadieron aquel día como tres mil personas” (Hechos 2:41). Este pasaje sugiere que el crecimiento numérico puede ser una manifestación visible de la obra de Dios. Pese a ello, es importante recordar que el crecimiento numérico no es el único indicador de éxito en la misión de la iglesia. El libro de Hechos también describe cómo los primeros cristianos no solo crecieron en número, sino también en su calidad de vida espiritual, dedicándose a la enseñanza de los apóstoles, la comunión, el partimiento del pan y las oraciones.

4.5. El Espíritu Santo y el Crecimiento de la Iglesia

Un aspecto clave que a menudo se pasa por alto en el debate sobre la teología de la búsqueda es el papel del Espíritu Santo en el crecimiento de la iglesia. Según el libro de Hechos, Jesús prometió a sus discípulos: “pero recibiréis poder, cuando haya venido sobre vosotros el Espíritu Santo, y me seréis testigos en Jerusalén, en toda Judea, en Samaria, y hasta lo último de la tierra” (Hechos 1:8). Este versículo destaca que el verdadero poder para la evangelización proviene del Espíritu Santo, no de los esfuerzos humanos.

A lo largo del libro de Hechos vemos cómo el Espíritu Santo guía y fortalece a los creyentes en su misión. Después de orar, “el lugar en que estaban congregados tembló; y todos fueron llenos del Espíritu Santo, y hablaban con denuedo la palabra de Dios” (Hechos 4:31). Este pasaje nos enseña cómo el Espíritu Santo da poder a los creyentes para predicar el evangelio con valentía, independientemente de los resultados inmediatos o visibles.

El apóstol Pablo también enfatiza el papel del Espíritu Santo en la evangelización y crecimiento de iglesia. “Y ni mi palabra ni mi predicación fue con palabras persuasivas de humana sabiduría, sino con demostración del Espíritu y de poder, para que vuestra fe no esté

fundada en la sabiduría de los hombres, sino en el poder de Dios" (1 Corintios 2:4-5). Este pasaje nos muestra que el éxito en la evangelización no depende de la elocuencia humana o la persuasión, sino del poder del Espíritu Santo. Así, la teología de la búsqueda tiene un fundamento bíblico sólido, pero debe ser equilibrada con un reconocimiento del papel del Espíritu Santo en el crecimiento de la iglesia.

5. Crecimiento Integral

La iglesia cristiana, desde sus primeros días, ha experimentado un crecimiento que abarca no solo un aumento numérico, sino una expansión en la calidad y profundidad de la fe de sus miembros. En esta investigación, hemos abordado el tema del crecimiento desde una perspectiva bíblica, evaluando tanto la dimensión cuantitativa como cualitativa, y explorando la teología de la búsqueda, un enfoque que según McGavran ha intentado justificar la ausencia de resultados visibles en la misión cristiana. Lo que sigue es un análisis final que conecta todos estos conceptos, buscando proporcionar una visión coherente que puede ser aplicada en el contexto de la iglesia contemporánea.

5.1. El Crecimiento de la Iglesia en Hechos de los Apóstoles

Un punto central de nuestra discusión es la manera en que la iglesia creció en el primer siglo, particularmente reflejado en el libro de los Hechos de los Apóstoles. En Hechos se narra cómo "los que recibieron su palabra fueron bautizados; y se añadieron aquel día como tres mil personas" (Hechos 2:41). Este evento no solo habla del crecimiento numérico, sino también del compromiso espiritual y la calidad de la fe de estos nuevos conversos. La iglesia no solo aumentaba en número, sino que "perseveraban en la doctrina de los apóstoles, en la comunión unos con otros, en el partimiento del pan y en las oraciones" (Hechos 2:42).

Los dos versículos citados destacan dos aspectos clave del crecimiento de la iglesia: el crecimiento numérico y el crecimiento en la comunión y espiritualidad. Estos dos elementos son complementarios y necesarios para un crecimiento saludable y bíblico de la iglesia. En este sentido, el énfasis en los números no debe ser considerado como el único criterio de evaluación del éxito en la misión, sino que debe estar acompañado de una profundización en la calidad de la fe y el discipulado.

5.2. La Teología de la Búsqueda y el Estancamiento Numérico

Hemos discutido la teología de la búsqueda expuesta por Donald McGavran, la cual surgió en un contexto en el que las misiones cristianas enfrentaban un aparente fracaso. Esta teología justifica la ausencia de resultados visibles, sugiriendo que el propósito de la misión no es necesariamente ganar almas en grandes números, sino simplemente "buscar". Como lo explicó McGavran (1980, p. 26): "La búsqueda era la voluntad de Dios. Los resultados no deben utilizarse para evaluar el éxito o el fracaso."

Aunque este enfoque puede ofrecer consuelo en contextos difíciles, puede también llevar a una desmotivación en cuanto al crecimiento numérico. El riesgo es que se pueda caer en una actitud pasiva frente a la misión, considerando que cualquier esfuerzo es suficiente sin importar los resultados. Sin embargo, como hemos visto en el libro de Hechos, el crecimiento de la iglesia en términos numéricos es algo que fue valorado por los primeros cristianos. El libro de Hechos señala que "crecía la palabra del Señor, y el número de los discípulos se multiplicaba

grandemente en Jerusalén" (Hechos 6:7). Aquí vemos que tanto el crecimiento espiritual como el numérico estaban intrínsecamente conectados.

5.3. El Papel del Discipulado en el Crecimiento de Iglesia

Otro aspecto fundamental del crecimiento eclesiástico es el discipulado. A lo largo de nuestro análisis, hemos destacado que la formación de discípulos fue central en la misión de la iglesia. En el libro de Mateo, Jesús ordenó a sus seguidores: "Por tanto, id, y haced discípulos a todas las naciones, bautizándolos en el nombre del Padre, y del Hijo, y del Espíritu Santo; enseñándoles que guarden todas las cosas que os he mandado; y he aquí yo estoy con vosotros todos los días, hasta el fin del mundo" (Mateo 28:19-20).

Este mandato no se limita a la conversión de individuos, sino que incluye la enseñanza y formación continua de los nuevos creyentes. En este sentido, el crecimiento de la iglesia debe ser entendido no solo como un aumento en el número de miembros, sino también como un proceso de formación y maduración espiritual. La iglesia debe ser un espacio donde los nuevos creyentes son guiados y discipulados para crecer en su relación con Dios y en su servicio a los demás.

5.4. El Rol del Espíritu Santo en el Crecimiento de la Iglesia

A lo largo de nuestro análisis, también hemos señalado que el verdadero crecimiento de la iglesia está impulsado por el Espíritu Santo. En el libro de Hechos vemos cómo el Espíritu Santo guía y capacita a los apóstoles para llevar a cabo la misión de la iglesia. Jesús les dijo: "Pero recibiréis poder, cuando haya venido sobre vosotros el Espíritu Santo, y me seréis testigos en Jerusalén, en toda Judea, en Samaria, y hasta lo último de la tierra" (Hechos 1:8).

El Espíritu Santo no solo da poder para el testimonio, sino que también es quien obra en los corazones de las personas, trayendo convicción de pecado y guiándolas hacia la fe en Cristo. Como dice en el libro de Juan: "Y cuando él venga, convencerá al mundo de pecado, de justicia y de juicio" (Juan 16:8). Por lo tanto, el crecimiento de la iglesia, ya sea numérico o espiritual, es una obra del Espíritu Santo. La iglesia debe depender de la guía y el poder del Espíritu para llevar a cabo su misión.

5.5. El Equilibrio entre el Crecimiento Numérico y Espiritual

Uno de los desafíos que enfrenta la iglesia contemporánea es encontrar un equilibrio entre el crecimiento numérico y el crecimiento espiritual. Mientras que algunos enfoques, como la teología de la búsqueda, ponen demasiado énfasis en la búsqueda sin resultados, otros pueden centrarse exclusivamente en el éxito numérico, descuidando la calidad de la fe y el discipulado.

El apóstol Pablo ofrece una perspectiva equilibrada en su carta a los Efesios: "Y él mismo constituyó a unos, apóstoles; a otros, profetas; a otros, evangelistas; a otros, pastores y maestros, a fin de perfeccionar a los santos para la obra del ministerio, para la edificación del cuerpo de Cristo, hasta que todos lleguemos a la unidad de la fe y del conocimiento del Hijo de Dios, a un varón perfecto, a la medida de la estatura de la plenitud de Cristo" (Efesios 4:11-13).

Aquí vemos que el propósito del ministerio es tanto el crecimiento espiritual como la unidad y la madurez de la iglesia. El crecimiento numérico es importante, pero debe estar

acompañado de una profundización en la fe y el conocimiento de Dios. Este es el modelo de crecimiento integral que debe seguir la iglesia en su misión.

5.6. La Propuesta del Crecimiento Integral

A partir de todo lo discutido, se propone un enfoque integral para el crecimiento de la iglesia que abarque tanto el crecimiento numérico como el espiritual. Este enfoque debe estar basado en los siguientes principios:

A. La misión es tanto ganar almas como disciplinar: La iglesia debe comprometerse no solo a evangelizar, sino también a formar y disciplinar a los nuevos creyentes, guiándolos hacia una madurez espiritual.

B. El Espíritu Santo es el agente principal del crecimiento: La iglesia debe depender completamente del Espíritu Santo para llevar a cabo su misión, reconociendo que es Él quien trae convicción y transformación en los corazones de las personas. Solamente las personas verdaderamente convertidas, deberían ser bautizadas.

C. El crecimiento numérico no debe ser ignorado: Si bien no debemos medir el éxito únicamente en términos de números, tampoco debemos descartar la importancia del crecimiento numérico. La iglesia primitiva creció en número y en espiritualidad, y debemos buscar un equilibrio similar.

D. La búsqueda debe estar orientada por resultados: Aunque la teología de la búsqueda subraya la importancia de la misión continua, debe haber una orientación hacia resultados tangibles, ya que el evangelismo debe llevar a la conversión y al discipulado. Sin embargo, esos resultados no solo deben ser de cantidad, también de calidad.

6. Conclusión

El crecimiento de la iglesia es un proceso complejo que involucra tanto la expansión numérica como el crecimiento en la calidad de la fe y el discipulado. Como hemos visto, la teología de la búsqueda, aunque bien intencionada, puede caer en una justificación del estancamiento numérico si no se acompaña de un enfoque equilibrado. En última instancia, el verdadero crecimiento es una obra del Espíritu Santo, y la iglesia está llamada a colaborar con Él, buscando tanto el incremento de miembros como la formación de discípulos maduros.

El llamado de Cristo en Mateo es claro: “Por tanto, id, y haced discípulos a todas las naciones” (Mateo 28:19-20). Este mandato incluye tanto la evangelización como el discipulado, y ambos son esenciales para el crecimiento integral de la iglesia. La iglesia del siglo XXI debe recuperar este enfoque, dependiendo del poder del Espíritu Santo y buscando un crecimiento que refleje tanto un aumento numérico como una madurez espiritual profunda.

Este enfoque integral es lo que permitirá a la iglesia seguir avanzando en su misión de ser “luz del mundo y sal de la tierra” (Mateo 5:13-14), impactando a las naciones y glorificando a Dios en cada aspecto de su crecimiento.

Referências

Annual Statistics for the South American Division, 2011. Adventist Statistics.

HADAWAY, K. **Church growth principles.** Nashville: Abingdon Press, 1991.

LOGAN, R. E. **Beyond church growth**: making disciples through community development. St. Charles: ChurchSmart Resources, 2008.

MCGAVRAN, D. A. **The bridges of God**: a study in the strategy of missions. New York: Friendship Press, 1955.

MCGAVRAN, D. A. **Church growth and evangelism**. Nashville: Abingdon Press, 1985.

MCGAVRAN, Donald A. **Church growth**: strategies that work. Nashville: Abingdon Press, 1991.

MCGAVRAN, D. A. **Church growth and the whole gospel**: a biblical mandate. Dallas: Word Publishing, 1981.

MCGAVRAN, D. A. **The church growth movement**: a critical appraisal. New York: Harper & Row, 1984.

MCGAVRAN, D. A. **The aims of church growth**: a theological reflection. Nashville: Abingdon Press, 1984.

MCGAVRAN, D. A. **The nature of the church**. Nashville: Abingdon Press, 1980.

MCGAVRAN, D. A. **Transforming church**: how to get your church from where it is to where God Wants it to be. Grand Rapids: Baker Books, 1998.

MCGAVRAN, D. A. **Understanding church growth**. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

STATISTA. **Población total de América Latina y el Caribe por subregión**.

WAGNER, C. P. **Strategies for church growth**: tools for effective mission and evangelism. Ventura: Regal Books, 1987.

O PERÍODO DE ESTADA DOS FILHOS DE ISRAEL NO EGITO: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE ÊXODO 12:40

CHANDLER TIAGO DOS S. SANT'ANA¹

Resumo: A servidão dos israelitas no Egito é um tema singular no texto da Torá e desde a antiguidade há dúvidas sobre quanto tempo os hebreus viveram nesta condição. A presente pesquisa exibirá um estudo exegético de Êxodo 12:40 com o objetivo de precisar o período que os descendentes de Abraão foram escravos no Egito.

58

Palavras-chave: Êxodo. Egito. Escravidão. Datação.

THE PERIOD OF ISRAEL'S EXILE IN EGYPT: AN EXEGETICAL STUDY OF EXODUS 12:40

Abstract: Israel's slavery in Egypt is a unique motif in Torah. Since Antiquity there are questions about the period the Hebrews lived in this condition. This study exhibits exegetical considerations about Exodus 12:40, aiming to foster new perspectives about the period Abraham's descendants were slaves in Egypt.

Keywords: Exodus. Egypt. Slavery. Dating.

¹ Especialista em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrânea pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Especialista em Antigo Testamento pela Faculdade EST. Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista do Nordeste (Uniaene). Estudos Judaicos pelo Seminário Rabínico Latinoamericano Marshall T. Meyer. Contato: chandlertiagosantana@gmail.com

1. Introdução

Diversos comentários bíblicos chamam a atenção dos leitores para o fato de existir uma possível contradição entre Êxodo 12:40 e Gênesis 15:13. Isso se dá pelo fato de que os textos parecem divergir quanto ao tempo que os israelitas estiveram no Egito: um texto indica 430 anos enquanto o outro 400 anos (Andiñach, 2010, p. 177-178; Bräumer, 2020, p. 174; Currid *et al*, 2010, p. 138-150; Hoffmeier, 2008, p. 49-54). Além disso, a própria idade dos patriarcas representa um problema, como indicou o arqueólogo israelense Israel Finkelstein (2018, p. 44-45), pois todos excederiam em muito os cem anos para se encaixarem neste período. A dificuldade se agrava na medida em que os arqueólogos não encontram evidências materiais como gostariam de uma estada dos israelitas no Egito.

Outra questão a ser resolvida está relacionado com os originais, uma vez que as testemunhas textuais divergem em suas leituras. Enquanto o Texto Massorético e os textos de Qumrã exibem a leitura: “E o tempo que filhos de Israel habitaram no Egito; quatrocentos e trinta anos”, a Septuaginta e o Pentateuco Samaritano apresentam: “E o tempo que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito, e na terra de Canaã, eles e seus pais foi de quatrocentos e trinta anos.”

O presente estudo buscará apresentar uma resposta para estas problemáticas lançando mão da metodologia exegética. Para fazer exegese, o estudante precisa se envolver com as funções e os sentidos das palavras (linguística); com a análise da literatura e do discurso (filologia); com a teologia; com a história; com a arqueologia; com a transmissão dos escritos bíblicos (crítica textual); com a estilística; com a gramática e a análise de palavras; e até mesmo com a sociologia (Stuart, 2008, p. 23). Por questão de espaço, não apresentaremos o passo a passo da exegese; todavia, para chegar às conclusões expostas ao leitor, esses passos foram seguidos.

2. Texto e Tradução

וּמוֹשֵׁב בְּנֵי יִשְׂרָאֵל אֲשֶׁר יָשְׁבוּ בְּמִצְרַיִם שְׁלֹשִׁים שָׁנָה וָאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה:

E o tempo que filhos de Israel habitaram no Egito; quatrocentos e trinta anos.²

2.1. Crítica Textual

As testemunhas textuais apresentam variantes textuais significativas em nosso texto. Abaixo disporemos essas divergências e as respectivas traduções com a finalidade averiguar qual seria a melhor leitura.

Quadro 1: Texto Massorético e Tradução de Êxodo 12:40

M	וּמוֹשֵׁב בְּנֵי יִשְׂרָאֵל אֲשֶׁר יָשְׁבוּ בְּמִצְרַיִם שְׁלֹשִׁים שָׁנָה וָאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה:
E o tempo que filhos de Israel habitaram no Egito; quatrocentos e trinta anos.	

Fonte: Produção do próprio autor.

² Todas as traduções foram feitas pelo autor deste artigo.

³ Texto da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (1996).

Quadro 2: Texto de Qumrã e tradução de Êxodo 12:40

Q 4Q14	בְּאֶרֶץ מִצְרַיִם שְׁלֹשִׁים שָׁנָה וְאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה ⁴
Na terra do Egito, quatrocentos e trinta anos.	

Fonte: Produção do próprio autor.

Quadro 3: Texto de Qumrã e tradução de Êxodo 12:40

Q 2Q2	בְּנֵי יִשְׂרָאֵל [א] שָׁר יִשְׁ[ב]וּ בְּמִצְרַיִם שְׁלֹשִׁים שָׁנָה וְאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה ⁵
Os filhos de Israel habitaram no Egito, quatrocentos e trinta anos. Tradução Própria	

Fonte: Produção do próprio autor.

Quadro 4: Texto Samaritano e tradução de Êxodo 12:40

@	וּמוֹשֶׁב בְּנֵי יִשְׂרָאֵל וְאַבְתָּם אֲשֶׁר יִשְׁבוּ בְּאֶרֶץ כְּנָעַן וּבְאֶרֶץ מִצְרַיִם שְׁלֹשִׁים שָׁנָה וְאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה ⁶
E o tempo que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito, e na terra de Canaã, eles e seus pais foi de quatrocentos e trinta anos.	

Fonte: Produção do próprio autor.

Quadro 5: Texto da Septuaginta e tradução de Êxodo 12:40

G	Ἡ δὲ κατοίκησις τῶν υἱῶν Ἰσραὴλ, ἣν κατέκησαν ἐν γῇ Αἰγύπτῳ καὶ ἐν γῇ Χαναὰν, ἔτη τετρακόσια τριάκοντα. ⁷
E o tempo que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito, e na terra de Canaã, eles e seus pais foi de quatrocentos e trinta anos.	

Fonte: Produção do próprio autor.

O leitor pode perceber nas testemunhas textuais exibidas acima uma divergência quanto à geografia de onde os filhos de Israel estiveram por 430 anos. Enquanto o Texto Massorético (M) e os textos de Qumran (Q) indicam uma estada de 430 anos no Egito, a Septuaginta (G) e o Pentateuco Samaritano (@) apontam em outra direção. Segundo estas fontes, os 430 envolveriam o período em Canaã.

Segundo os antigos rabinos, esse texto faz parte de uma lista de 14 textos que foram modificados pelos tradutores da G (b. Meguila 9a).⁸ O rabi Yshmael destaca em um Midrash:

Um versículo (Êx 12:40) afirma: “E a habitação dos filhos de Israel na terra do Egito era de quatrocentos e trinta anos”, e outro (Gn 15:13): “E eles os servirão e eles afligi-los quatrocentos anos.” Como esses dois versículos devem ser reconciliados? Trinta anos antes do nascimento de Isaque, a aliança com as partes dos animais foi feita (e depois de seu nascimento até o êxodo 400 anos se passaram). Rebbi diz: Um versículo afirma: “E eles os servirão e os afligirão por quatrocentos anos”, e outro: (v. 16) “E a quarta geração retornará aqui.” Se eles se arrependerem, eu os redimirei por gerações (Abraão, Isaque, Jacó e as tribos). Se não, eu os redimirei por anos. “E a habitação dos filhos de Israel no Egito e em outras terras foi quatrocentos e trinta anos.” Este é um dos versículos que eles (os 72 anciãos mudaram) na tradução da Torá para o rei Ptolomeu (Mekhilta d’Rabbi Yishmael 12:40:1).

A explicação não é clara, mas parece indicar que tal modificação se deu por conta de uma aparente contradição entre Gênesis 15:13 e Êxodo 12:40, o que é razoável. Se lançarmos mão

⁴ Texto de Lexham Press (2010).

⁵ Texto de Lexham Press (2010).

⁶ Texto samaritano de Shoulson (2008).

⁷ Texto de Rahlfs (2011).

⁸ Todas as citações do Talmude Babilônico seguem a numeração de Neusner (2011).

dos critérios de avaliação de variantes textuais, podemos chegar em conclusões semelhantes à do rabi Yshmael.⁹

Primeiro: a leitura mais difícil é geralmente preferível, uma vez que os copistas tendiam a facilitar o texto, e não a dificultar. Neste caso, a leitura mais difícil é a do M e dos textos de Q, pois representam uma possível contradição com Gênesis 15:13. Segundo: a leitura mais breve é geralmente preferível, pois os escribas tendiam a aumentar o texto e não diminuir; com isso novamente a leitura do M e dos textos de Q é favorecida por representar a leitura mais breve. Ainda podemos lançar mão do critério de *modificação interpretativa*: os escribas tendiam a fazer modificações com a finalidade de ajustar o texto as suas interpretações e assim evitar possíveis contradições. É plenamente possível que o escriba, diante de nosso texto, tenha se visto diante de um “problema”, uma vez que Gênesis 15:13 e Êxodo 12:40 parecem se contradizer. Diante desta dificuldade, o copista decidiu acomodar o texto à, sua visão interpretativa. Assim, a leitura preferível é a do M e dos textos de Q; em outras palavras, essa seria a leitura original.

2.2. Análise Textual

Se recorrermos novamente à interpretação de Yshmael, percebemos que ele propõe uma solução para a questão. Segundo ele, os 430 anos começaram com o pacto, quando Abrão tinha cerca de 75 anos (Gn 15:7-17). Os 400 anos, por sua vez, começam após o nascimento de Isaque. O rabino Raphael Hirschi (2021, p. 157) segue na mesma direção. Rashi (2018, p. 120-121), por sua vez, é mais específico ao destacar que as perseguições mencionadas em Gênesis 15:13 começaram com Isaque, o primeiro descendente de Abraão.

A interpretação de que os 430 começaram com o pacto entre YHWH e Abrão parece ser antiga, Paulo afirma na Carta aos Gálatas 3:17:

Quero dizer isto: A lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não anula a aliança previamente estabelecida por Deus, de modo que venha a invalidar a promessa.

O leitor atento pode perceber que essa mesma interpretação parece ter influenciado os escribas que deram origem à variante apresentada acima. Possivelmente essa interpretação era conhecida naqueles dias e os escribas fizeram uso dela para solucionar a “problemática”.

3. Contexto Histórico e Arqueológico

É necessário neste momento traçar uma cronologia e buscar fundamentação histórica e arqueológica para esta. A datação dos patriarcas, da estada dos israelitas no Egito e do êxodo não é tarefa fácil, porém buscaremos fazer utilizando as evidências internas (Bíblia Hebraica) e externas (história e arqueologia).

Em 1 Reis 6:1, o leitor é informado de que o quarto ano do reinado de Salomão se deu após 480 anos do êxodo do Egito. O quarto ano de Salomão é datado de 966 A.E.C. Se somarmos 480 a essa data, teremos o ano 1446 A.E.C. para a saída dos filhos de Israel do Egito (Silva, 2014, p. 101). Em Juízes 11:26, Jefté observa que os israelitas estavam há 300 anos na terra. O período em que Jefté viveu foi 1100 A.E.C. Se 300 anos forem acrescentados à essa data, teremos 1400 A.E.C. Ainda devemos levar em conta os 40 anos de peregrinação, então teremos 1440 A.E.C. para o êxodo (Price; House, 2020, p. 83).

⁹ Seguiremos aqui os critérios de análise textual exibidos e revisados por Emanuel Tov (2017, p. 223-265).

Em Ezequiel 40:1, temos outra fonte importante para uma possível data do êxodo. O profeta tem uma visão no dia 10 do mês de nisã de 573 A.E.C. (Walton *et al.*, 2018, p. 937). Segundo o Talmude Babilônico, temos nessa data o início do décimo sétimo ciclo de Jubileu que se daria em 622 A.E.C. (b. Arakhin 12b:5). Se somarmos 16 ciclos de Jubileu, cada um com 49 anos, teremos 784. Esse número acrescentado a 622 A.E.C. nos fornece a data de 1406 A.E.C. (Price; House, 2020, p. 83). Adicionando 40 anos de peregrinação no deserto, chegamos a 1446 A.E.C.

Randall Price (2006, p. 114) bem observou que uma data em torno de 1446-1441 A.E.C. está em maior harmonia com os textos da Bíblia Hebraica. As evidências internas parecem favorecer uma data para o êxodo por volta de 1446 A.E.C. Acrescentando 430 anos a essa data, chegamos em 1876 A.E.C. Por volta dessa data YHWH teria feito Sua aliança com Abrão.¹⁰

O cálculo do tempo de vida dos patriarcas pode indicar quando os descendentes de Abraão entraram no Egito. Abrão tinha 75 anos quando foi chamado, ou seja, quando começaram os 430 anos. Ele tinha cem anos quando Isaque nasceu (Gn 21:5), Isaque tinha 6 anos quando Jacó nasceu (Gn 25:26) e Jacó tinha 130 anos quando foi para o Egito (Gn 47:9). Somando essas idades, temos 215 anos; e se esses anos forem subtraídos de 1876 A.E.C. chegaremos à data de entrada dos filhos de Israel no Egito, isto é, 1661 A.E.C. Entre 1661 A.E.C. e 1446 A.E.C. há um espaço de 215 anos. Em outras palavras, o tempo que os hebreus ficaram no Egito foi de 215 anos. Possivelmente essa percepção do tempo que os hebreus ficaram em cada lugar deu origem à interpretação de que os 430 envolviam o tempo de estada em Canaã, a mesma que deu origem à variante textual exibida acima.¹¹

É necessário, neste momento, olhar para o que está acontecendo no Egito e na terra de Canaã nesta época. Nosso estudo está dentro do período do Bronze Médio (1800-1540 A.E.C.) e início do Bronze Recente (1550-1200 A.E.C.). O arqueólogo israelense Amihai Mazar (1992, p. 202) divide esse período da seguinte forma:

Parece-me que uma divisão geral do período BM II inteiro em três fases (A, B, C) está bem documentada com base em estratigrafia, cerâmica, tipologia e desenvolvimento de outros artefatos. A primeira fase, BM IIA, pode ser correlacionada com a Décima Segunda e talvez a Décima Terceira Dinastias (até 1800 ou 1750 A.E.C.). A segunda fase – BM IIB – pode ser correlacionada com a outra parte da Décima Terceira Dinastia (até 1650 A.E.C.) e a terceira fase – BM IIC – se correlaciona com a Décima Quinta Dinastia dos hicsos (até 1540 A.E.C.).

¹⁰ A forma como as aparições estão dispostas no Gênesis mostra que a promessa feita em Gênesis 12:1-3 ganha novas cores à medida que a história avança. Agora, o leitor atento poderia se perguntar se Deus fez com Abraão uma ou duas alianças, visto que no capítulo 15 fala-se de uma aliança, e no capítulo 17, parece falar de outra. A resposta pode ser encontrada na palavra hebraica אֱלֹהֵי הַבְרִית, utilizada em Gênesis 17:7, que está no Hifil e pode ser traduzida por “confirmarei” (BRIGGS *et al.*, 1977, p. 878). Assim, o que estaria acontecendo em Gênesis 17 seria a confirmação e adição de um sinal a uma aliança já feita em Gênesis 15. Sobre a relação de Gênesis 15 e 17, Nahum Sarna (1989, p. 123) explica que “a ‘aliança na carne’ tem muito em comum com a ‘aliança entre os pedaços’ de Gênesis 15, pressupondo-o e complementando-o de várias maneiras. A cerimônia da aliança lá descrito é a base para a palavra-chave *brit*, ‘pacto’, que o narrador emprega mais de 80 vezes nesse capítulo. Aqui, além disso, essa aliança é três vezes redefinida como ‘aliança eterna’ (17:7,13,19). Na passagem anterior, Abrão é o receptor passivo. Agora Deus o convoca para ser um parceiro ativo na aliança. Em ambas as seções, a revelação começa com a fórmula divina e auto introdutória: ‘Eu sou [...]’ (Gn 15:7; 17:1). Em ambas há a promessa de um filho, mas aqui, pela primeira vez, a matriarca é especificamente designada como a futura mãe (Gn 15:4; 17:16,19,21). Ambos os capítulos prometem uma descendência numerosa (Gn 15:4; 17:4) e território nacional, mas aqui o último deve ser ‘uma possessão eterna’ (Gn 15:18; 17: 8). Finalmente, ambas as seções registram a reação emocional do patriarca ao anúncio de Deus (Gn 15:3,8; 17:17)”.

¹¹ Para outras possíveis datas para o êxodo, ver Roland de Vaux (1975, p. 374-377).

Durante a época do “Reino Médio” no Egito (aproximadamente 1800 A.E.C.) não há indícios de uma dominação egípcia da terra de Canaã como no “Reino Novo”. A evidência material parece indicar que as relações do Egito com os governantes do Levante eram comerciais e não de vassalagem como em períodos tardios.

Objetos do Império Médio egípcio encontrados em diversos sítios da Palestina e da Síria suprem evidência adicional dos contatos entre aqueles países. A mais rica coleção desses objetos foi encontrada em Biblos – o porto principal a partir do qual a madeira libanesa era embarcada para o Egito e, conseqüentemente, a porta de entrada para a influência egípcia no Levante (MAZAR, 1992, p. 194).

Uma pintura encontrada em uma vila chamada Beni Hassan de cerca de 1800 A.E.C. exhibe semitas entrando no Egito para fazer negócios. Tal imagem reflete bem as relações entre os semitas e os egípcios nessa época.

Imagem 1: Pintura de Beni Hassan

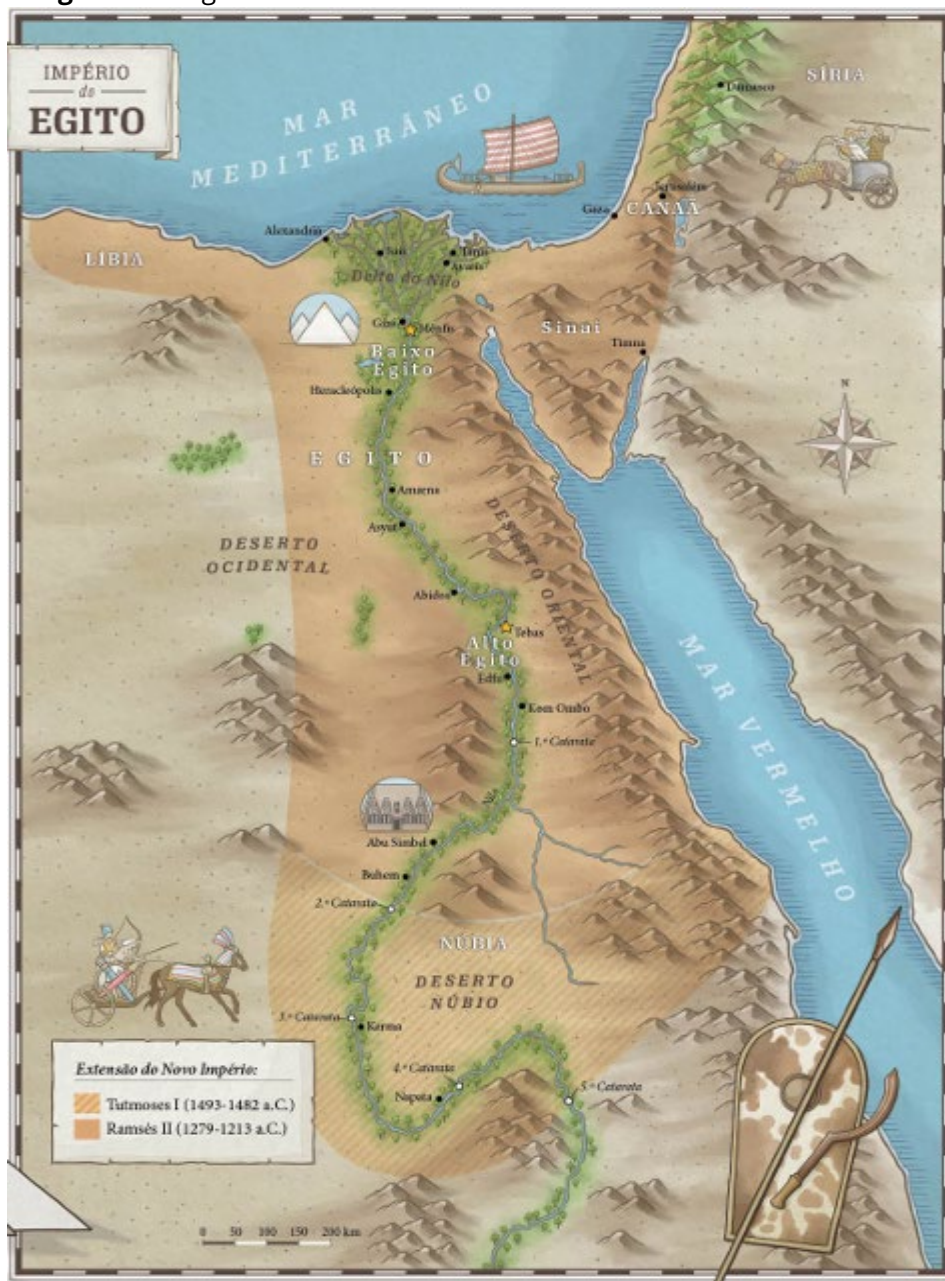


Fonte: (HOFFMEIER, 2008, p. 40 – 41).

Essa pintura também é importante para nosso conhecimento do estilo de vida patriarcal, pois o texto de Gênesis fala da riqueza de Abraão em gado e ovelhas (Gn 12:16). Mais tarde menciona os irmãos de José e a túnica colorida que Jacó deu a José (Gn 37:3). Refere-se às

ovelhas e cabras de Jacó (Gn 30: 33-43). Instrumentos musicais são mencionados como a harpa (Gn 31:27) e armas como o arco e flecha usadas para proteção (Gn 27:3). Essa pintura mostra pessoas da mesma linhagem que Abraão, Isaque e Jacó usando roupas, cuidando do mesmo tipo de animais e usando implementos conforme descrito no registro bíblico.

Imagem 2: Geografia do Delta do Nilo



Fonte: Reinke (2023, p. 43).

A presença semita cada vez maior no Egito e a diminuição do poder egípcio deu espaço para um povo estrangeiro dominar sua terra, os hicsos. Os hicsos se estabeleceram em Aváris/ Tell el-Dab'a no delta e por cem anos se fortaleceram ali até que tivessem força suficiente para tomar o Egito (Beitzel, 2015, p. 106; Weinstein, 1995, p. 84-89). Esse domínio se estendeu até 1560 A.E.C., quando os egípcios saqueram Aváris e pouco tempo depois expulsaram os hicsos da terra começando o assim chamado “Reino Novo” (Hayes, 1959, p. 3-41).

A ascensão de José no Egito possivelmente se deu pelo fato de os hicsos governarem a terra do Egito nesse período. Esses governantes, por serem semitas, teriam alguma simpatia por José que os egípcios não teriam. Analisando o quadro geral do Egito e Levante nesta época, Mazar (1992, p. 231) afirma:

Diversos estudiosos sugeriram que o ambiente cultural do BM II provê um pano de fundo dos mais apropriados para as sagas patriarcais do livro de Gênesis. A terra de Canaã aparece nessas histórias como possuidora de uma próspera cultura urbana, com clãs de pastores vivendo entre as cidades, exatamente como era a situação no BM IIB-C. A cronologia bíblica, ao atribuir quatrocentos anos à permanência no Egito, de José até Moisés, aponta para o século 17 A.E.C. como a época de Jacó. A elevada posição de José no Egito poderia se encaixar no período dos hicsos, quando príncipes semitas dominavam o Baixo Egito.

Embora o texto de Gênesis e de Êxodo pareça se encaixar bem nesse cenário histórico, temos poucas evidências diretas de uma escravidão israelita. As fontes arqueológicas testemunham da existência de um grupo de pastores do Levante conhecidos como *Shasus* no século 15 A.E.C. Nesta mesma época o faraó Amenófis II ordena que grupos de *Shasus* sejam levados da Ásia para o Egito com a finalidade de serem escravos (Peetz, 2022, p. 71; Currid *et al.*, 2010, p. 133).

Uma inscrição hieroglífica datada de 1400 A.E.C. descoberta no templo construído pelo faraó egípcio Amenhotep III em Soleb, que fica no atual Sudão, apresenta a expressão “ta shasu Yahuaw”. O texto se refere a um grupo de seguidores nômades de YHWH, possivelmente os israelitas. A importância de tal achado se dá por ser a menção mais antiga conhecida do nome do Deus de Israel e por testemunha que entre aqueles shasus que viviam no Egito havia israelitas.

Malanie Peetz (2022, p. 73), ao propor uma hipótese para a formação do antigo Israel, sugere que quando esses nômades *shasus* foram expulsos ou fugiram do Egito, se agruparam com o imergente Israel das montanhas e teriam introduzido neste o relato do êxodo. Mesmo a autora não acreditando no relato do êxodo como exibido na Bíblia Hebraica, ao se deparar com a evidência exibida acima, salienta que ela pode ser um apoio para uma saída de um grupo de *shasu/israelitas* do Egito. Peetz (2022, p. 74) salienta que o fato de a tradição do êxodo estar profundamente arraigada a memória do antigo Israel indica que ela não seria mera ficção.

A presente evidência não nos permite provar para longe de quaisquer questionamentos que aconteceu um êxodo, porém sua relevância não pode ser minimizada. Ela atestada que os *shasu/israelitas* viveram no Egito e possivelmente em algum momento como escravos. Esse quadro parece refletir bem os relatos de Gênesis e Êxodo acerca de hebreus indo ao Egito.

É necessário identificar o faraó do êxodo para o avanço da presente pesquisa. Diversos estudiosos têm identificado Tutmés III (1504-1450 A.E.C.) como o faraó da época em que os hebreus saíram do Egito. O período de reinado desse faraó coincide com o que foi apresentado acima para o êxodo. O arqueólogo Rodrigo Silva (2008, p. 97) destaca:

O dia a dia das olarias egípcias está bem preservado em vários desenhos que decoram paredes de tumbas egípcias. Uma, em especial, merece ser mencionada. Ela pertenceu a um vizir chamado Rekhmire, que viveu sob o domínio de Tutmés III, cerca do século 15 A.E.C., isto é, perto da época do Êxodo. Ali tem as várias cenas de trabalhadores braçais semitas (muitos deles, certamente hebreus) fabricando tijolos, à semelhança do que descreve o relato bíblico. Os capatazes egípcios são representados com varas nas mãos chicoteando impiedosamente os trabalhadores escravos.

Imagens encontradas em Karnak gravadas em pedra exibem Tutmés III oprimindo escravos semitas no Egito. O faraó parece estar matando seus inimigos cananeus segurados em sua mão esquerda. Com as mãos erguidas, eles imploram por misericórdia.

Imagem 3: Tutmés III oprimindo escravos asiáticos



Fonte: (RASMUSSEN, 2010, p. 166).

O relato dos primeiros capítulos de Êxodo parece refletir bem a cultura e política da época, o que nos leva a concluir que a estada dos hebreus no período apresentado acima era uma realidade.

Ainda a narrativa do êxodo conforme apresentada na Bíblia Hebraica indica que o faraó do êxodo teria morrido no mar e por consequência sua múmia teria se perdido. A múmia atribuída a Tutmés III difere fisicamente em muito das esculturas dele que foram encontradas, o que parece indicar que não se trata da mesma pessoa. Alguns estudiosos sugeriram que as esculturas foram feitas de tal forma para valorizar o faraó como um guerreiro. Tal posição deve ser levada em consideração, porém não se pode passar por alto a possibilidade de serem duas pessoas distintas (Smith, 2000, p. 31-36). Em outras palavras, a múmia seria de outra pessoa, e a figura máscula poderia muito bem ser o próprio Tutmés III, já que o faraó era um grande guerreiro.

Imagem 4: Múmia de Tutmés III

Fonte: Smith (2000, p. XXVIII).

Outra dificuldade surge quando exames de raio-X indicam que a suposta múmia do faraó tinha apenas 40-45, anos enquanto sabemos que Tutmés III viveu pelo menos 54 anos (Barros, 2022). Sendo assim, o que teria motivado alguém a colocar uma múmia de outra pessoa no lugar da do soberano? Possivelmente as crenças egípcias na vida por vir. Os egípcios mumificavam os faraós para que não houvesse uma desintegração dos elementos que compunham a existência humana. Se a múmia de tal faraó se desintegrou no mar, já não haveria parte para ele no mundo por vir (Laboury, 2006, p. 165-186; Budge, 2020, p. 9). Assim, algum sacerdote deve ter tomado uma múmia de outro homem na tentativa de enganar a alma quando essa voltasse para o corpo no momento de ir para a vida futura.

Mas ainda poderia ser questionado o fato de Amenhotep II, filho de Tutmés III estar vivo após o êxodo, quando ele deveria estar morto em decorrência da décima praga. Bruno Barros (2022) argumenta que, na verdade, quem teria morrido nesse momento seria o filho de Amenhotep II, neto de Tutmés III, uma vez que esse estava em campanha no Levante devido à sua corregência com o pai.

4. Considerações Finais

Nossa pesquisa demonstrou que a melhor leitura e possivelmente a original de Êxodo 12:40 é a do Texto Massorético. As variantes surgiram em decorrência de interpretações na antiguidade, as quais parecem indicar que nos primeiros séculos A.E.C. havia uma compreensão de que os israelitas não ficaram 430 no Egito. Os períodos de vida dos patriarcas encontrados nas narrativas do Gênesis corroboram essa interpretação. Assim, os hebreus estiveram 215 anos na terra de Canaã e 215 no Egito. Embora a evidência material seja escassa o que se tem até o presente momento parece apoiar ao menos em linhas gerais o relato da escravidão dos hebreus no Egito.

Referências

- ANDIÑACH, P. **O livro do Êxodo**: um comentário exegético-teológico. Leopoldo: Sinodal;EST, 2010.
- BARROS, B. **História e historiografia de Israel**. 2022. Notas de aula.
- BÍBLIA. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: German Bible Society Westminster Seminary, 1996.
- BÄURER, H. **Êxodo**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2020. (Comentário Esperança)
- BRIGGS, C. A.; BROWN, F. D. **Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon**. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1977.
- BUDGE, W. **O livro dos mortos do Antigo Egito**. São Paulo: Madras, 2020.
- CURRID, J; BARRETT, D. (Eds.). **Crossway ESV Bible atlas**. Wheaton, IL: Crossway, 2010.
- DAVID, A. **A biographical dictionary of Ancient Egypt**. Londres: Seaby, 2003.
- FINKELSTEIN, I. **A Bíblia desenterrada**: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAYES, W. **The Scepter of Egypt**: a background for the study of the Egyptian antiquities in the Metropolitan Museum of Art. Part II: the Hyksos Period and the New Kingdom (1675-1080 B.C.). Nova York: Plantin Press, 1959.
- HIRSCH, R. S. **Torá Interpretada – volume 2: Êxodo**. São Paulo: Sêfer, 2021.
- HOFFMEIER, J. **Arqueología de la Biblia**. Madrid: San Pablo, 2008.
- LABOURY, D. Royal portrait and ideology: evolution and signification of the statuary of Thutmose III. In: CLINE, E; O'CONNOR, D. (Orgs.) **Thutmose III: a new biography**. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2006.
- MAZAR, A. **Archaeology of the land of the Bible, 10,000-586 B.C.E**. Londres: Yale University Press New Haven, 1992.
- NEUSNER, J. **The Babylonian Talmud**: a translation and commentary. Peabody, MA: Hendrickson, 2011.
- PEETZ, M. **O Israel bíblico**: história, arqueologia e Geografia. São Paulo: Paulinas, 2022.
- RASMUSSEN. **Zondervan atlas of the Bible**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010.

REINKE, D. A. **Atlas Ilustrado da Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2023.

PRICE, R.; HOUSE, W. **Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

PRICE, R. **Arqueologia Bíblica**: o que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

QUMRÃ. **4Q14 Exodus c**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2010.

QUMRÃ. **2Q2 Exodus a**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2010.

RAHLFS, A. **Septuaginta**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

RASHI. **Sefer Shemot**: Êxodo: com comentários de Rashi. São Paulo: Maayanot, 2018.

SARNA, N. M. **Genesis**. Genesis = Bereshit. The JPS Torah commentary. Fildélfia, PA: Jewish Publication Society, 1989.

SILVA, R. **Escavando a verdade**: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

SHOULSON, M. (Org.). **The Torah**: Jewish and Samaritan versions Compared. A side-by-side comparison of the two versions with the differences highlighted. Evertime, 2008.

SMITH, E. **The royal mummies**: catalogue général des antiquités égyptiennes du Musée du Caire. Duckworth Publishers, 2000.

STUART, D., FEE, G. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TOV, E. **Crítica textual da Bíblia Hebraica**. Rio de Janeiro: BVBooks, 2017.

VAUX, R. **Historia antigua de Israel I**: desde los origenes a la entrada em canaan. Madri: Ediciones Cristiandad, 1975.

WALTON, J.; MATTHEWS, V.; CHAVALAS, M. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WEINSTEIN, J. Exodus and Archaeological Reality. In: FRERICHS, Ernest; LESKO, Leonard. (Org.). **Exodus**: the Egyptian evidence. Indiana: Eisenbrauns, 1997.

WEINSTEIN, J. Reflections on the chronology of Tell el-Dab'a. In: DAVIES, V; SCHOFIELD, L. (Orgs.). **Egypt, the Aegean and the Levant interconnections in the second millennium BC**. London: British Museum Press, 1995.

YSHMAEL, R. Mekhilta d'Rabbi Yishmael 12:40:1. **Sefaria**. Disponível em: <
<https://www.sefaria.org/Exodus.12.40?lang=bi&with=Mekhilta%20d%27Rabbi%20Yishmael&lang2=en>> Acesso em: 28 de nov. 2022

TEOLOGIA
em revista



FAP